UNAERP – UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
JORNALISMO

MIGUEL MATHIAS DOS REIS

RELATÓRIO DE PRODUTO MIDIÁTICO
PODCAST: HISTÓRIAS E CORDAS

RIBEIRÃO PRETO
2023

MIGUEL MATHIAS DOS REIS

RELATÓRIO DE PRODUTO MIDIÁTICO

PODCAST: HISTÓRIAS E CORDAS

Relatório Teórico-Metodológico de Produto Jornalístico entregue à Universidade de Ribeirão Preto – Unaerp, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Profª. Me. Elivanete Aparecida Zuppolini Barbi

RIBEIRÃO PRETO

2023

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

REIS, Miguel Mathias dos, 2000-

R375r Relatório de produto midiático podcast: histórias e cordas / Miguel Mathias dos Reis. – Ribeirão Preto, 2023.

93 f.

Orientador: Prof.ª Me.ª Elivanete Aparecida Zuppolini Barbi.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo, 2023.

RESUMO

A cidade de Ribeirão Preto possui grandes talentos na música como Bia Mestriner, Kiko Zambianchi, Dedé Cruz, entre tantos outros artistas. Para registrar a trajetória de músicos autorais locais, este trabalho de pesquisa e produção jornalística foi desenvolvido exatamente com objetivo de contar histórias de diferentes músicos da cidade, gerando engajamento e empoderamento aos músicos locais. A plataforma podcast foi escolhida, pois é a mídia que têm ganhado muito espaço e prestígio entre os meios de comunicação, além de proporcionar a experiência de áudio ideal para veicular músicas, podendo ser consumida em diferentes dispositivos. O critério utilizado para selecionar os personagens foi o perfil de cada um, optando-se por entrevistar artistas de diferentes vertentes musicais. Dessa forma, foi possível observar os diferentes estilos de música na cidade, podendo elucidar o cenário ao ouvinte do programa. Os episódios abordaram a trajetória musical dos entrevistados, desde o início da carreira até o presente momento. O produto final atinge o público interessado em música de diferentes faixas etárias, através da veiculação do podcast nos aplicativos de áudio e compartilhamentos nas redes sociais.

Palavras-chave: Podcast. Música. Ribeirão Preto. Entrevista Jornalística.

ABSTRACT

The city of Ribeirão Preto has great talents in music such as Bia Mestriner, Kiko Zambianchi, Dedé Cruz, among other artists, and this work of research and journalistic production was developed precisely with the objective of telling stories of different musicians in the city, generating engagement and empowerment of local musicians. The podcast platform was chosen because it is a medium that has gained a lot of space and prestige among the media, in addition to providing the ideal audio experience for vehicular music, which can be consumed on different devices. The profile of each one was used to select the characters, opting to interview artists from different musical fields. In this way, it was possible to observe the different styles of music in the city, being able to elucidate the scenario to the listener of the program. The episodes address the musical trajectory of care, from the beginning of the career to the present moment. The final product reaches audiences interested in music of different age groups, by broadcasting the podcast on audio applications and sharing it on social networks.

Keywords: Podcast. Music. Ribeirão Preto. Journalistic Interview.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO 7
2. OBJETIVOS 8
3. JUSTIFICATIVA 8
4. METODOLOGIA 9
5. PÚBLICO ALVO 11
6. DETALHAMENTO TÉNICO 11
7. SINOPSE 13
8. ROTEIRO 13
9. RELATO DE PRODUÇÃO 13
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS 14

REFERÊNCIAS 15

APÊNDICES 16

1. APRESENTAÇÃO

O podcast é um modelo de programa audiofônico, com produções de conteúdos infinitos. A estrutura da plataforma é parecida com uma conversa, não tendo um número exato de participantes. Podcast é a junção de IPod, um aparelho eletrônico de reprodução de áudio da Apple com o termo broadcasting, que significa transmissão. Os conteúdos são divididos em episódios, onde a quantidade varia de acordo com cada programa. Como um produto audiofônico, o podcast possui elementos sonoros como vinhetas, trilhas e efeitos.

Com a utilização de câmeras e divulgação nas plataformas digitais, os novos podcasts estão ganhando cada vez mais espaço na mídia e no consumo do público. Spotify, Deezer, Youtube, são uma das plataformas onde os programas são hospedados. A plataforma podcast possui forte aderência na atual conjuntura midiática, pois além de possuir uma grande área de atuação, oferece a possibilidade ao público de degustar o conteúdo em qualquer lugar com acesso à internet.

> O tom define o ritmo, a cadência e a impressão que seu podcast causa nos ouvintes. É, basicamente, a "alma" do seu programa, aquilo que é muito difícil de colocar em palavras – acredite, estou tentando o meu melhor –, mas é, ao mesmo tempo, facilmente compreendido quando escutamos um podcast. O tom define se você vai conseguir lidar com temas mais densos de forma leve e divertida ou se o objetivo do seu programa vai ser afundar o ouvinte numa espiral de desespero e desgraça (e, ei, nada de errado com isso, se é o que você quer). (LANZETA,GUS,2021).

O primeiro registro de um podcast feito no Brasil, foi no dia 21 de outubro de 2004, com o programa Digital Minds, feito por Danilo Medeiros, nesta data é comemorado o dia do Podcast no país. Atualmente, existe uma gama de programas que viraram sucesso na internet, entre eles estão: FlowPodcast, PodPah e Nerdcast, De acordo com um levantamento feito pela plataforma de áudio, Deezer, houve um crescimento de 67% no consumo nacional de podcasts, em 2019.

Os músicos, no Brasil, especialmente nas localidades interioranas, mais afastadas das principais capitais estaduais, enfrentam muitas dificuldades para se sustentar através da arte. Além de saber tocar e cantar é preciso ter a habilidade para compor letra e melodia e compartilhar sua própria obra, destacando-se entre centenas, talvez milhares de iniciantes que compartilham o mesmo ideal. A incerteza sobre o futuro, as mudanças do mercado musical e a distância da família são fatores que desestimulam muitas pessoas a se tornarem músicos pelo fato de temerem pelo sucesso profissional ou até mesmo casual.

Na cidade de Ribeirão Preto é muito comum observar músicos que se apresentam em bares, formaturas, eventos e outras tantas cerimônias que vão de cultos religiosos a inaugurações, residências ou ambientes comerciais. Para dar voz a esses artistas e registrar suas trajetórias no mundo da música, o podcast Histórias e Cordas conta as histórias de diferentes músicos locais, abordando seus currículos, as razões de suas escolhas musicais, as principais dificuldades, realizações, além de apresentar suas composições de maior destaque.

2. OBJETIVOS

O objetivo principal deste produto desenvolvido como Trabalho de Conclusão do curso de Jornalismo da Unaerp é registrar e difundir a produção de músicos em Ribeirão Preto, enfatizando a história de cada um dos personagens.

Como objetivos secundários, são focados a vivência musical no momento, os caminhos percorridos até chegarem ao atual estágio e quais os projetos futuros.

Os programas que compõem este podcast também abordam aspectos como o gênero musical, identidade artística, projetos, conquistas e sonhos. Além desses, o trabalho objetiva ainda mostrar a realidade destes artistas, como eles alcançam o público, as dificuldades que enfrentam, as condições financeiras e de remuneração, demonstrando se é possível e como sobreviver exclusivamente da música em Ribeirão Preto.

O público-alvo são pessoas, de qualquer faixa etária, interessadas em música, especialmente a produção local, de caráter mais autoral, criada por artistas que residem na cidade e mantêm-se atuantes no mercado musical da cidade e região.

3. JUSTIFICATIVA

A profissão de músico no Brasil não possui uma estabilidade definida, pois esses artistas enfrentam uma dura concorrência no mercado, além disso, as variações dos gêneros e gostos musicais geram incertezas na escolha por esse ramo. Inseguranças, desmotivação e preconceitos cercam os primeiros passos de uma trajetória profissional nas artes. Muitas pessoas desistem da carreira dos sonhos por falta de motivação dos familiares, principalmente

da sociedade. Um projeto como esse pode ilustrar o cenário para pessoas que se interessam pelo assuntou ou até mesmo quem deseja se tornar um músico.

De acordo, com o relatório divulgado pela IFPI (organização que produz relatórios e dados sobre a indústria fonográfica global), em 2021, o país atingiu o valor total de R$ 2,111 bilhões, que representa um aumento de 32% em relação ao ano de 2020. Essa marca foi influenciada pelo o crescimento das receitas geradas pelas plataformas de streaming, que subiram 34,6%, chegando no valor de R$ 1,8 bilhão, sendo a área que corresponde 85,6,% da totalidade das receitas do setor musical. Aplicativos on demand como Spotify, Deezer, Amazon Music, Youtube Music, entre outros, faturaram R$ 1.084 milhões com assinaturas de serviços e R$ 318,2 milhões com publicidade. As receitas geradas por vendas físicas representam apenas 0,6% do lucro total, atingindo R$ 12,2 milhões. Com downloads, mobile e outros, foram arrecadados R$ 5,9 milhões.

As cinco músicas mais ouvidas no mês de Dezembro de 2022, foram: "Bombonzinho", de Israel Rodolffo e Ana Castela. A segunda foi "Evoque Prata", de MC Menor HR, MC Menor SG e DJ Escobar. Na terceira posição, "Eu Gosto Assim", de Gustavo Mioto e Mari Fernandez. A quarta mais ouvida, foi "Haja Colírio", de Guilherme e Benuto, com Hugo e Guilherme. Na quinta posição, "Roça em Mim", de Zé Felipe, Ana Castela e Luan Pereira. Os artistas brasileiros mais ouvidos na plataforma Spotify, no ano de 2022, foram: 1- Marília Mendença, 2- Henrique e Juliano, 3- Jorge Mateus, 4- Gusttavo Lima e 5- Maiara e Maraisa.

4. METODOLOGIA

Na primeira etapa de produção deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a modalidade deste produto desenvolvido como trabalho de conclusão de curso, o podcast. Nesta pesquisa, buscou-se conhecer mais aprofundadamente quais são as características da mídia podcast, seus principais atrativos e vantagens entre os veículos de áudio, as condições de tecnologia que favoreceram a expansão do interesse por essa mídia, especialmente junto ao público mais jovem, entre outras informações. Também foram pesquisadas obras relativas à entrevista e à linguagem jornalísticas, especialmente no meio radiofônico, objetivando fundamentar a elaboração adequada dos roteiros dos programas realizados para a série Histórias e Cordas.

> Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo entrevistador, começa a participar na elaboração do próprio conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1992, p. 146).

A pesquisa de campo, por sua vez, foi utilizada no desenvolvimento deste trabalho para levantar informações sobre a vida de cada um dos entrevistados do podcast, buscando suas produções, estilo, gravações, principais composições, entre outros dados que fundamentaram a elaboração da pauta do programa e a entrevista realizada, a fim de se entender o conceito musical, a carreira e a discografia do artista.

Em termos gerais, o método de história de vida participa da metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta. Nesse processo, a relação entre pesquisador e aquele que narra sua história é um ponto essencial e só acontece na presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo. (NOGUEIRA, 2017).

Cada entrevistado teve o perfil analisado para haver a mais adequada integração entre o entrevistado e a proposta do podcast. As entrevistas foram feitas presencialmente, fator que contribuiu para criar proximidade entre o entrevistador e o artista. O conteúdo todo foi gravado para minimizar as chances de erro e para facilitar a construção das histórias, permitir as edições oportunas e necessárias, além de garantir a qualidade da captação de cada áudio.

A partir das entrevistas foram realizados os cortes necessários para que os trechos mais importantes fossem integrados aos episódios. Foi utilizada uma linguagem formal, as entrevistas foram descontraídas com um teor leve, para que a conversa não fosse entediante ao público que está ouvindo o episódio. De acordo com (OYAMA, THAIS, 2008), é sempre importante, antes de toda entrevista, fazer um perfil do entrevistado, mesmo que as informações sejam emitidas pelo próprio entrevistado, ela afirma que a pesquisa é a chave para uma entrevista de sucesso.

5. PÚBLICO ALVO

O público alvo deste produto foi pessoas interessadas em música ou com o desejo de ser tornarem artistas, com a faixa etária de 15 anos a 50 anos, de todas as classes sociais. O perfil buscado vai de encontro com a proposta do programa, que possui uma linguagem descontraída, com informações de fácil entendimento, justamente para atender o público que interessa ou até mesmo, tenha a intenção de seguir a carreira.

6. DETALHAMENTO TÉNICO

As entrevistas foram gravadas presencialmente, o material captado foi editado e publicado na plataforma Spotify no canal do podcast Histórias e Cordas, a divulgação também foi feita no Instagram. A vinheta é a mistura de duas músicas, ela começa com um ritmo de bossa nova, em seguida surge a voz falando o nome do programa e na sequência uma trilha com um dedilhado das cordas do violão, remetendo ao nome do programa. A partir daí, o hoster apresenta o convidado, trazendo informações e a identificação. Depois, o apresentador inicia as perguntas, que foram escolhidas de acordo com os personagens, tendo algumas gerais, como início da carreira, maiores dificuldades, por exemplo. No meio da conversa, o apresentador chama duas músicas dos entrevistados para tocar, em seguida, questiona os artistas sobre as composições. No fim, o hoster pede para o entrevistado divulgar contatos, redes sociais e plataformas de divulgação e encerra agradecendo a presença do artista e audiência do programa. Ao todo, foram 6 entrevistados.

O primeiro foi Régis Martins, guitarrista e vocalista das bandas Motormama e Cia Fantasma. Ele nasceu em São Paulo, mas vive em Ribeirão preto, desde os 15 anos de idade. É formado em jornalismo na Unaerp, já trabalhou no Jornal a Cidade, EPTV e atualmente é editor na Record TV Ribeirão Preto.

O segundo entrevistado, foi Bia Mestrinér, ela é cantora e compositora reconhecida no meio da MPB. Bia possui 2 discos produzidos, o primeiro que leva o nome "Bia Bossa Nova", gravado em 1995, com grandes sucessos de artistas renomados da MPB, que fez Bia Mestrinér ser indicada ao prêmio Sharp de Música Brasileira, de 1996, como cantora revelação da MPB. Em 1997, Bia lançou seu segundo disco "Num tom delicado", gravado, apenas com músicas autorais.

O terceiro convidado, foi Rafa Pacheco, baixista da banda Chic Hernandez. O grupo foi fundado no ano de 2009, pelos amigos David Barral e Chicão Gaspar. O repertório mistura os sons de Chico Science, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Fela Kuti. Em 2015, lançaram um DVD, que leva o nome "Chic Hernandez & Batuqueira Band", com nove músicas gravadas. Ano de 2018, criaram um EP, com o nome "Tem Pra Quem Quer", com quatro músicas.

O quarto foi Marcel Rivoiro, é músico há 30 anos atuando como baterista e vocalista; já passou por várias bandas da região como banda Idem, Cruzeiro do Sul, Signus, Faixa Adicional. Marcel também produz e edita áudios para propagandas e festivais de dança, além de produzir música eletrônica em seu estúdio. Com sua banda principal, Os Virgens tem 2 CDs e 1 DVD gravado e já percorreu vários programas da TV aberta como Show do Tom, Domingo Legal e Hoje em Dia.

O quinto entrevistado, foi Fernanda Marx, cantora eclética, que possui uma carreira de 25 anos, no meio musical. Ela atua como cantora há 25 anos, tendo iniciado carreira solo em 2012, com o show “Flor de Café”. Marx já participou de eventos em locais como: SESC’S, SESI e espaços culturais de Ribeirão Preto, da região, São Paulo, Rio de Janeiro, entre outros. Durante a sua carreira, Fernanda lançou as apresentações “Use Dorival Caymmi”, “Refazendo Gonzaguinha”, “Baile da Nega”, “INNOVE” (show de lançamento do disco com o mesmo nome) e “Marx canta Jackson”. Além de ser uma das fundadoras e integrante do grupo “Roda das Flores”, que possui como missão o resgate do samba, composto por três cantoras, com cinco anos de existência.

A sexta entrevista, foi com a dupla sertaneja "Os meninos de Bonfim", eles já participaram de diversos programas de TV, já venceram concursos de música e continuam levando o nome do município de Bonfim Paulista para o Brasil inteiro. A dupla composta por Luis Gustavo e Luis Augusto, possui 19 anos de carreira e 5 discos lançados. Dentro das composições, as mais famosas estão, “Os meninos de Bonfim”, Pir Pir Caipira”, Eu o Garçom e Ela e “Menina da Cidade Grande”. Em 2009, a dupla foi campeã do Festival Viola de Todos os Cantos, com a composição “Todo Canto Tem Viola”. No seguinte receberam o prêmio Rozini “Dupla Revelação do Brasil”, pela revista Viola Caipira em Belo Horizonte - MG. No ano de 2017, foram homenageados na Câmara Municipal de São Paulo, no dia Música de Raíz.

7. SINOPSE

O podcast Histórias e Cordas é um programa, onde é possível conhecer nomes de diferentes vertentes da música de Ribeirão Preto e trazer ao público todas as questões que rodeiam a vida desses artistas como: as maiores dificuldades, realizações, inseguranças, além de abordar as características de cada um e divulgar as composições realizadas estes personagens.

8. ROTEIRO

O programa começa com a vinheta, com duas músicas e uma narração do nome do programa. Em seguida, o apresentador, chama o convidado, dando algumas informações iniciais, sobre a carreira e o seguimento do artista. Na sequência, o hostie, inicia com perguntas pertinentes sobre as fases iniciais da vida artística do convidado. No meio do episódio, a conversa vai sendo direcionada para as maiores dificuldades do artista, em seguida as maiores conquistas. Para prestigiar o convidado, o apresentador, direciona as perguntas para as obras (músicas) dos artistas participantes, chamando, pelo menos, duas músicas, para que o convidado possa comentar e explicar sua composição. O hostie, aproveita a deixa e indaga o artista sobre os locais de shows, redes sociais e contatos para os interessados no trabalho. Para encerrar, o apresentador agradece a presença do entrevistado, a audiência e se despede.

9. RELATO DE PRODUÇÃO

As gravações foram tranquilas, todos os entrevistados respeitaram as datas e horários de gravação. O clima nas entrevistas estava bem leve, os convidados e o apresentador ficaram à vontade para discutir os temas nas entrevistas. A maior dificuldade encontrada, foi encontrar artistas com horário disponível para fazer entrevista, tendo em vista que, pelo menos, quatro músicos recusaram, devido a agenda de compromissos. O primeiro episódio, com Régis Martins, foi gravado no dia 20/09/2022, as 16h00. O segundo ocorreu no dia 27/09/2022, com Bia Mestriner, as 16h30. O terceiro episódio foi gravado com o Rafa Pacheco, no dia 04.10.2023, as 16h00. A quarta entrevista, aconteceu no dia 11/10/2023, as 16h00, com Marcel Rivoiro. A quinta entrevista aconteceu ao vivo em 09/11/2022, as 16h30 e foi transmitida no

Youtube, Instagram e Facebook da Rádio Unaerp. A última aconteceu no dia 15/12/2022, as 16h00, com a dupla sertaneja “Os Meninos de Bonfim”.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste produto, foi um verdadeiro aprendizado, pois foi possível conhecer as histórias de músicos locais, que, por algum motivo, não recebem o reconhecimento merecido. Através deste trabalho, foi possível homenagear os artistas convidados, divulgar os trabalhos e abrir uma nova visão do público para a música de Ribeirão Preto. Durante as entrevistas, foi possível observar que a maior parte dos artistas iniciaram suas trajetórias desde a infância, incentivados por familiares músicos. A maior parte dos convidados, afirmaram que a maior dificuldade encontrada é falta de espaço e divulgação oferecida. Dentre as maiores realizações relatadas, estão, a exposição ao público, a oportunidade de fazer música e as experiências vivenciadas no palco. A realização deste podcast, pôde mostrar alguns aspectos mais intimistas sobre os artistas e que de alguma forma, pode agregar para os fãs da arte e para futuros músicos. A página no Instagram, atingiu a marca de 22 seguidores, até o término deste relatório. O perfil do Spotify, obteve o resultado de 22 reproduções de episódios, tendo a entrevista com a Bia Mestriner o maior público, com nove reproduções.

REFERÊNCIAS

LANZETA, Gus. Ouvindo Vozes. Como criar um podcast de sucesso e ainda ganhar dinheiro com isso. (São Paulo): Planeta, 2021.

PESQUISA DA DEEZER MOSTRA QUE CONSUMO DE PODCASTS SUBIR 67% NO BRASIL.https://www.sindiradio.org.br/noticias/item/pesquisa-da-deezer-mostra-que-consumo-de-podcasts-subiu-67-no-brasil.html. Último acesso em 22 de janeiro de 2023.

MERCADO FONOGRÁFICO MUNDIAL 2021.https://pro-musicabr.org.br/wp-content/uploads/2022/03/Mercado-Brasileiros-em-2021-ProMusicaBR-FINAL.pdf. Último acesso em 23 de janeiro de 2023.

TOP 50 STREAMING – BRASIL.https://pro-musicabr.org.br/home/top-50-streaming/. Último acesso em 23 de janeiro de 2023.

SPOTIFY DIVULGA LISTA DOS ARTISTAS MAIS OUVIDOS DO MUNDO EM 2022.https://lorena.r7.com/post/Spotify-divulga-lista-dos-artistas-mais-ouvidos-do-mundo-em-2022. Último acesso em 23 de janeiro de 2023.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 1992. Último acesso em 23 de janeiro de 2023.

NOGUEIRA, M. L. M. et ali. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. In. Pesquisas e Práticas Psicossociais. Vol.12, no.2 São João del-Rei abr./jun. 2017. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1809-8908&lng=pt&nrm=iso. Último acesso em 23 de outubro de 2022.

OYAMA,Thais. A arte de se entrevistar bem. (São Paulo): Contexto. 2012.

APÊNDICES

DECUPAGEM - EPISÓDIO 1 (ENTREVISTA COM RÉGIS MARTINS)
00:18:00

LOC. MIGUEL - Olá, sou Miguel Mathias e nesse primeiro episódio de histórias e cordas eu recebo Regis Martins. Ele é músico integrante das bandas Motormama e Companhia Fantasma. Além de músico, é jornalista formado na Unaerp há mais de três décadas, ele já trabalhou na Folha de São Paulo, Jornal A Cidade, EPTV e atualmente editor na Record TV Ribeirão Preto. É um grande prazer te receber para essa conversa Regis, tudo bem com você?

00:00:46
LOC.RÉGIS - Tudo bem Miguel? Como é que vai? Os ouvintes aí, rádio. Prazer estar aqui.

00:00:50

LOC.MIGUEL - Queria perguntar como e quando surgiu a paixão, o interesse pela música? Então, faz tempo, né?

00:00:57

LOC.RÉGIS - Então, faz tempo, né? Acho que foi na adolescência aí, começo da adolescência, ainda morava em São Paulo, né? Porque eu sou na zona leste de São Paulo, nasci no Brás, depois fui morar no Tatuapé e lá é São Paulo bem, eu moço você tem mais acesso, né? A música principalmente a música internacional nas rádios lá de São Paulo mas eu sempre gostei muito daquela New Wave, aquela música que começou a nascer ali no começo dos anos oitenta, o TecnoPop, New Wave, aquele som bem anos oitenta, eu era adolescente, né? Criança é um jovem, um começo da adolescência ali, né? Eu morei em São Paulo até os quinze anos mas aí minha meu gosto musical basicamente está formado ali na minha adolescência. Muito som dos anos oitenta. E foi o boom né? O auge ali do rock nacional né? O chamado B rock. As bandas nacionais ali que apareceram no comecinho dos anos oitenta como Paralamas do Sucesso, IRA, Titãs fizeram minha cabeça. Esses caras estavam tudo começando lá em São Paulo fazendo shows ali nos botecos ali em São Paulo, nos inferninhos ali. Antes eles gravaram os primeiros

discos que foi lá por volta de oitenta e quatro e oitenta e cinco, isso aí foi o meu gosto pelo Rock principalmente. Então foi lá em São Paulo ainda em garoto ainda em na adolescência e até hoje estou aí né?

00:02:15

LOC.MIGUEL - E qual foi o primeiro instrumento ou até mesmo a primeira música que você teve contato assim e que abriu essa porta pra você se tornar um músico?

00:02:20

LOC.RÉGIS - Então na verdade o primeiro instrumento lá em casa foi um piano. Minha irmã ela gostava muito de tocar piano. Ela tinha aulas lá e meu pai lá num grande esforço financeiro familiar ali e a gente resolveu comprar um piano né? Uma coisa assim que era absurdo, né? Tatuapé, uma família comprar um piano, era meio que uma coisa. Mas o pai juntou uma grana, não é? E eu lembro até hoje que a gente foi comprar esse piano na Mesbla, cara. Vocês não, você não sabe, só a geração não conhece a Mesbla não. A Mesbla é uma grande loja de departamentos lá em São Paulo. Era um shopping, né? Era um shopping vertical ali é o nosso shopping na época ali no centro de São Paulo perto da São João foi toda a família é meio que comprar um carro né um peão. Foi toda a família lá na loja de departamentos na mesa é a mesma era interessante que cada andar era um tipo era um departamento diferente né? E era legal que você andava de menu no elevador ali da mescla e tinha um ascensorista, né? O cara que pra cima primeiro andar, era parecido com aqueles filmes americanos. Poxa era demais. Eu tinha dez, sei lá, doze anos, achava aquilo lá sensacional. A gente foi lá na Mesbla e comprei o piano, a gente comprou um Fritz Dobbert, na época, uma marca nacional. Conheci a fábrica da Fritz Dobert na época. Eu gostei muito daquele instrumento, mas o piano é muito difícil, né? Era uma coisa muito da minha irmã, ela tomava conta, ela era uma guardiã daquele não deixava chegar perto, era muito criança, mas às vezes, quando ela não estava lá, eu mexia no piano foi uma primeira noção musical. Mas piano você tem que estudar né? Não tem jeito né? E depois eu logo fui pro violão e finalmente pra tristeza dos meus pais fui pra guitarra elétrica, né?

00:03:46

LOC.MIGUEL - E seus pais, sua família em si sempre te incentivaram ou teve alguma resistência?

00:03:51

LOC.RÉGIS - Resistência, meu pai, nunca me incentivaram em nada em música. Assim, o engraçado é o seguinte, pro meu pai é um cara que vem do nordeste pernambucano, né? Chegou em São Paulo muito cedo e ele sempre foi um cara muito musical. Lembro que eu a gente sentava lá na cozinha, meu pai começava a cantar aquelas músicas antigas, nordestinas, né? Principalmente do interior do de Pernambuco. Ele cantava e aquilo gostava muito de ouvir ele cantando, mas ele achava que música não, tinha que ser uma coisa, né? É uma coisa amadora, né? Vai se dedicar a isso, tal. Mas um hobby. É, mas um hobby, mas é quando eu comecei a gastar dinheiro com equipamento, não sei o que. Eles gostaram muito não. Eles falam, ah, mas tem que fazer faculdade, mas eu vi uma boa uma boa resistência, viu? Acho que é hoje ainda que eles mas que tiveram que aceitar, não tem jeito.

00:04:47

LOC.MIGUEL - Aí saindo da sua fase de adolescência eu queria que você falasse sobre a fundação das suas bandas, Tanto o Motormama, quanto Companhia Fantasma, como surgiram, você foi um dos criadores né? Participou ali ativamente conta aí pra gente.

LOC.RÉGIS - O sócio fundador né? Das duas bandas, o Motormoma é mais antiga. O Motorma em si tem vinte ela, é de noventa e nove, banda tem vinte, vinte e três anos, né? Uma turma, mas a moto não vem de outra banda que eu montei nos anos noventa que é a Motorcycle. Que aliás eu montei aqui na Unaerp. Eu conheci os dois outros integrantes da Motocycle Mama, eu conheci durante a faculdade, eu fazia eu e o Jeferson Barcelos que aliás é seu professor, fiquei sabendo que ele é seu professor.

00:05:56

LOC.MIGUEL - Grande abraço pra ele.

00:06:00

LOC.RÉGIS - Fotografia ele foi o baterista na época e fazia eu fazia jornalismo com o Jeferson com o Jeff né? Que a gente chama ele de Jeff, o baixista era o Joca, o Joca era mais velho, mas ele fazia, ele fez na mesma época a gente só que ele fazia publicidade e propaganda. Todo mundo aqui na UNAERP, a banda se formou na UNAERP, se formou em noventa e um, noventa e dois, né? O Motor na época chamava-se Os Egoístas nossa era um nome bem bacana, devia ser retomado esse nome. Mas aí não sei aí começou vim um grunge aí foi o auge do Grunge a gente começou a querer cantar inglês né? Aquela bobagem toda, aí a música virou motor sai com mão. Mas o nome do MotorCycle vem de um cara que é uma grande influência pra mim até hoje. É uma música do New Young, canadense New Young que é um cara que pra mim é o grande cara da música aí. Mais Folk Rock estilo de música que eu gosto muito. Era uma música do motor do New Young. Coloquei essa formação esse trio durou até acho que noventa e sete, noventa e oito aí não funcionou a gente o foi uma banda interessante pros anos noventa, uma banda barulhenta né? Aquela coisa dos anos noventa, bem punk rock e a gente fez bastante shows aí pelo país, né? A gente ia muito pra São Paulo, Curitiba, a gente participou de festivais. Saímos na revista Bis na época, uma revista do interior, de Ribeirão Preto, saí nas grandes revistas de circulação nacional assim, né? Era na época era grande revista de música, né? Dos anos oitenta e noventa. Nós saímos na Bis, saímos da MTV, né? MTV era um baita de um canal, né? Pro rock and rock dos anos noventa, deve tudo a MTV. A gente saiu, a gente foi pra São Paulo, a gente foi entrevistado, isso foi bem legal, foi no ano de noventa e cinco, noventa e seis, a gente era bem jovem, tinha vinte e cinco anos na época e a gente fez show assinamos uma gravadora Rocket, que era a gravadora do guitarrista do Legião Urbana, Dado Villa-Lobos foi a gente chamava ele de patrão né? O patrão lá do Villa-Lobos a gente foi fazer um show em no Rio de Janeiro na época na Fundição Progresso um baita do espaço existe até hoje o DVD do Los Hermanos foi gravado lá aliás nós gravamos lá fizemos show lá bem legal a gente achou agora vou viver de música né? Quando eu tinha cinco anos e tal. Mas aí não deu muito certo, a coisa não desandou. É aquele conselho. Quando a sua banda começa a crescer, você tem que ir embora pra capital. Não tem jeito. A gente não foi, ficou por aqui, banda não foi aí noventa e oito, a banda acabou. Noventa e sete, noventa e oito. Aí, voltamos, eu e o Joca, o Jeff saiu, aí o Joca montamos o Motor Mama, que na época era eu, ele e tecladista jovem na época né? Gustavo e minha esposa né? A Gisele assumiu. Gisele Z assumiu o vocal. E na época era bateria eletrônica tinha uma coisa mais de música eletrônica. Assim meio eletrônica começo, tal. Depois viajamos bateristas, né? Arranjamos uns trinta e cinco bateristas depois

durante esses vinte anos aí. Mas era outra formação, botou uma mãe, outra, outra banda, outra banda. Mas ela tem mais pop, mais psicodélico, Motors Sacra era mais barulhento, mas ficou lá na juventude né? Porque quando a gente vai ficando mais velho a gente vai cansando muito barulho. Uma coisa mais calma. Então é MotoCycle. Noventa e um, noventa e dois, né? Motor mama noventa e nove. Motor móvel existe até hoje vinte e três anos aí.

00:08:50

LOC.MIGUEL - Queria que você falasse a respeito da companhia fantasma explicasse, você participou de duas bandas, né? E deve ser um trabalho bem difícil. Queria que você falasse um pouco da fundação também da Companhia Fantasma.

00:09:04

LOC.RÉGIS - É como é fantasma é uma era uma forma assim de ter mais mobilidade. O Motorma de certa forma é uma banda que cresceu, né? Nos anos dois mil a gente teve muito mais divulgação, a gente teve muito mais projeção pro exemplo que o motor sai com mama. Porque o Motor Mama ele apareceu numa época da internet. É uma banda da internet. E a internet ela deu essa ela deu mais abertura de certa forma. Você nos anos oitenta e noventa você tinha que ter uma gravadora. Se você não tivesse uma gravadora você não conseguia gravar disco, né. Você não tinha qualquer estrutura pra isso. A partir dos anos dois mil não. Você conseguia, por meio de internet, conseguia divulgar. Você não existia aquele aquela estrutura lá de mídia. É lógico que você necessita né? Rádio. É de gravadora tal. Mas a internet facilitou muito a vida das bandas independentes. Uma turma me pegou isso aí. E nós tivemos uma projeção muito boa, logo no primeiro disco a gente sai na Biz ali dando aquele apoio pra gente. Nós saímos na Playboy né? Na Playboy, na Folha de São Paulo, sai no estadão, saiu na Globo na época. Eu lembro, a gente conseguiu tocar o Sesc Pompéia em São Paulo em dois mil e três. Fazer o show de lançamento lá graças a uma reportagem que saiu na Globo lá de São Paulo, aí pra edição nacional, pô mas o Motormama cresceu, teve essa coisa e era um quinteto né? E a gente se propôs a falar ó a gente só toca com o cachê nosso só tocamos com uma estrutura maior mano é uma banda que necessita de mais projeção e tal tem mais estrutura pra tocar, nós fizemos show, fizemos shows internacionais, tocamos era no Canadá, em dois mil e onze, Canadá, depois campo, tocamos na Barcelona, dois mil e quatorze, Primavera South, aliás, o Primavera

Sound, festival que está chegando no Brasil esse ano aí. Nós tocamos na versão lá de Barcelona. que é a sede dele lá, ali, então a banda cresceu muito tal não sei o que mas ela meio que deu uma estacionada também. É aquela história. Pra onde você vai agora né? Vou tomar uma banda que ela ficou no meio do caminho. Até hoje. Eu tenho até essa noção de que nós ficamos no meio do caminho não sei o quê, mas é uma banda que necessita de uma estrutura maior pra shows. Acompanhe o fantasma não, era basicamente eu e minha esposa acompanhe o fantasma. E é uma banda também que abre espaço pro cover, né? No interior de São Paulo. Se não tiver um cover, você não toca, é difícil, muito difícil você tocar em bares assim. Se sentou com a cor. E o Motormama basicamente é música autoral.

00:10:00

LOC.MIGUEL - E qual o tipo de música que vocês tocam como cover na Companhia Fantástica?

O Fantasma, a gente toca quem influencia a gente. Mas a gente quer trazer coisa muito dos anos oitenta. Tem muita coisa dos anos oitenta, Fantasma e com o autoral porque a gente gravou disco também em dois mil e quinze a gente tem o primeiro disco um EP né? De seis músicas que é Ondas Curtas da Companhia Fantasma. Acompanha fotos desde dois mil e treze, nasceu com um cover, banda cover pra tocar Mutantes, vai tocar é anos oitenta pra tocar New Young e tal pra tocar bandas que a gente gosta. E mas aí vai lá vamos por um autoral quando a gente consegue se livrar do autoral né? Bate a cabeça e sabe que é complicado mas gravamos o disco, em dois mil e quinze e a gente mistura essas duas coisas aí. A música autoral e também música cover, né? Pra poder tocar no interior paulista. E agora esse ano, dois mil e vinte e dois, lançamos o disco O frequência modulada, né? Que é a FM, o primeiro é ondas curtas, né? Por ser um EP de seis músicas. E esse como é um LP, um full álbum, né? Mais música é assim. É um, ele é o frequência modulada, é o nome do disco não. Porque é um disco que a gente fez basicamente as músicas foram compostas durante a pandemia, é um disco de pandemia. Eu fiz pra não enlouquecer na pandemia. Esses dias cresceram pra isso. Ele é como ao resultado do que a gente viveu durante a pandemia.

00:11:20

LOC.MIGUEL - E quantas trilhas foram lançadas com esse EP?

00:11:26

LOC. RÉGIS - Esse disco aí ou não disco é um LP mesmo oito faixas, né? Já está lançado. Já desde fevereiro elas estão aí na todas as plataformas digitais. Só não está no formato físico, né? Está tudo na minha pretensão de físico, a gente chegou a lançar em CD eu penso em lançar esse CD também eu acho que quando você faz shows por exemplo em bares tem gente tem sempre alguém um louco lá que quer uma mídia física a gente que já gravou ele também em um disco de vinil né? Pela Motor,não bateu vinil também que é um compacto simples é o Flores Sujas do Quintal lançado em dois mil e treze.

00:13:31

LOC.MIGUEL - Mas eu queria que você falasse agora a respeito de duas músicas primeira seria A música Bela Criatura Mística como foi essa questão da elaboração da letra e da melodia de onde você tirou a ideia pra compor essa música? Então é o disco basicamente o frequência modulada ele tem duas músicas de trabalho que a gente fala singles né

00:13:49

LOC.RÉGIS – Então, o disco basicamente o frequência modulada ele tem duas músicas de trabalho que a gente fala singles né? A gente lança e tal mas divulga mais aí entre as plataformas. Aliás as duas tem clipe. Pela criatura mística é uma das músicas aí de trabalho desse disco que ela é uma espécie de.. É engraçado de onde veio a letra, de onde veio o título. Eu estava assistindo um filme do Frederico Felini, é um diretor italiano aí e um dia um filme muito conhecido dele, que é Oito e Meio e tal. E é um muito doido, né? O Felino é muito louco, né? Meio surrealista, eu gosto muito disso aí. Esse clima, né? De realismo mágico, tal e tem uma hora que um dos personagens fala de um mágico, um cara que lê a mente das pessoas, né? Um cara meio que trabalha com hipnose e ele fala tem uma hora que o cara fala, italiano, é muito bonito, ah que bela, que bela criatura mística, né? Italiano fica bonita a frase.

00:14:30

LOC.MIGUEL. Que legal.

00:14:35

LOC.RÉGIS- Eu peguei nessa de uma frase eu fiz a música, entendeu? Do título essa música é a primeira coisa que saiu na minha cabeça foi o título da canção. E dela eu fiz essa música aí. Que é uma música bem surreal, Né? diabo é tão triste, é tão triste como o nós e o anjo, fala de anjo, diabo, mas na verdade eu falo dessa coisa do anjo e o diabo existe dentro da gente. Te falar, ah, se o diabo ele é tão triste, ele é triste como a gente. Se o anjo é tão velho, ele é velho como a gente. Então fala dessas dualidades que existem no ser humano, essa coisa do diabo e o anjo, né? A gente que vive essa dualidade da vida do meu ponto de vista bem visual, são músicas bem que tem essa coisa de imagética, né? E tem umas tá? Um trecho da música que é italiano também que foi uma homenagem que eu fiz o Felini e tal. Já visitei a Itália, um país que eu gosto muito essa música tem mais essa questão aí, né? De falar essa coisa bem mal que existe. De uma forma bem poética, tal. E ela é uma balada que a gente chama de Make Trip Hop. O Trip-Hop é uma mistura de hip hop com psicodelia, né? Tiro de música eletrônica assim lenta, né? Bem relaxante e tal. É um estilo que eu gosto e essa música ela vai bem pra esse lado aí. Legal.

LOC.MIGUEL - Vamos aproveitar pra ouvir um trechinho dela então? Solta o som!

00:16:35

LOC.MIGUEL - Vamos aproveitar também pra falar a respeito de uma outra canção que também está nesse disco, o nome dela é Eu, Você, o Cosmos e nada mais

00:17:03

LOC.MIGUEL - Vamos falar um pouco dela é queria repetir a mesma pergunta que que eu fiz sobre a outra música, como que foi esse processo de criação e qual é a mensagem que ela quer passar?

LOC.RÉGIS - Então, essa aí é essa aí ela é mais ela é mais bem-humorada assim, né? Eu, você, o Cosmos e nada mais seria a primeira música de trabalho do disco, né? Ela já havia sido lançada como single em dois mil e vinte, dois mil e dezenove. E aí eu resolvi colocar no disco porque eu achei ela muito boa. Ela é bem pop assim, ela tem um ritmo até que lembra meio, ela é meio franqueada, assim, nessa coisa meio do hip-hop, letra dela é bem cadenciada tal. Essa letra também eu fiz na verdade por esse período aí pré-pandemia né? Na verdade é um período de crise aí que eu estava vendo que o Brasil estava entrando né? Nesse nessa maré né? Nesse período brasileiro aí parece que eu já estava sentindo aquilo lá. Essa música é meio sobre isso, né? Ela fala que a gente vai enfrentar um período brabo aí, né? Até meio visionário. Mas a gente já imaginava isso, né? Mas vamos aí, vamos continuar. Aí. Vamos pra frente, né? Eu acho que a parte poética dela fala bem dessa questão aí, que a gente vai passar por um período difícil, mas a vida continua. É aquela questão, né? Sou brasileiro, não desisto nunca, mas uma de uma forma mais bem humorada, tal, né? Esse a letra, eu, você, o Cosmos, nada mais. Teve uma influência do Guilherme Arantes. O Guilherme Arantes tem uma música dos anos setenta lá. Eu acho que é o mundo e nada mais. Que eu gosto pra caramba dessa música. Daquela fase dos anos setenta dele e ela, o título faz meio que uma referência a essa música do Guilherme Arantes, né? É bem legal também. Acho que a música é isso aí. Bacana.

LOC.MIGUEL - Régis, você é um cara que já tem sete discos. Cinco com o Motormama e dois com companhia fantasma. De todos esses discos qual é o que te que mexe mais com você?

00:19:17

Uma vez eu ouvi de até de um artista né? Um músico disse: “Ah são todos meus filhos”, né? Não posso privilegiar um ou outro que eles ficam com ciúme um do outro. Tem que ser pai de vários filhos né? Não, eu acho que todos tem foram importantes daquele determinado momento. Eu acho que assim vinte, trinta anos de carreira sei lá carreira como a gente pode. Sou meio que um músico amador, né? Não vivo só de música, eu sou um jornalista que banco uma de músico, né? Então eu acho que nos últimos vinte anos assim que foi uma produção maior nossa. Eu gosto de todos são todos eu gosto muito na verdade um disco de dois mil e dez que é o Aloha Esquimó que é o terceiro disco da Motormama, é um disco que eu gosto muito porque parece que a gente teve controle de tudo que os discos que a gente grava a gente sempre tem problema de grana, tem problema de data né? De ah não era o momento porque parte do Brasil é muito essa questão de time né? Principalmente arte pop que depende a gente nunca dependeu de

dinheiro público né? Ah conseguiu um pro ar produção independente foi tudo independente e tiramos dinheiro do bolso né? Mas eu acho que o Aloha Esquimó foi um disco que funciona mais. É o que eu gosto mais. Porque a produção é legal, eu gosto muito do jeito que ele foi produzido, né? Que é o Rômulo Feliz que sempre produz discos do Motormama, gostei muito do jeito que ele foi pro foi pro mercado a finalização dele o resultado das músicas ali estava tudo do jeito que eu gostei né? Eu acho que foi o disco que mais funcionou realmente é o eu gosto muito mas os outros também tem lá todos tem suas o disco que mais vendeu na verdade é o segundo né? A gente lançou porque na época eles saíram na Rolling Stones a Rolling Star a revista Rolling Stones deu um puto de saque, um baita destaque pro disco lá falou muito bem e o disco sumiu, né? Das na época tinha as lojas ainda vendiam tal. Aí eu disse que mais vendeu. Mas eu gosto aí de todos. Eu acho que da campanha fantasma do povo fantasma eu gosto muito desse último aí. Frequência modulada. Eu acho um disco bem legal. É um disco mais minimalista. Acompanhe fantasma ele é mais minimalista, eu e minha esposa, Gisele e bateristas convidados. No caso, nesse disco aí quem tocou foi o Rodolfo Bárbara. Tocou bem legal, foi uma baita participação do Rodolfo. Agradeço a todos aí, por participar desses discos.

LOC.MIGUEL - Você até citou essa questão da você é um músico independente. Não ter incentivo, realmente tem que tirar do seu bolso toda a gravação, é realmente uma luta, né? Em gravar um disco aí. Principalmente no nosso país que não incentiva tanto a cultura. Queria te perguntar quais as maiores dificuldades que você enfrenta como músico até presente momento?

00:22:19

LOC.RÉGIS - Então, é espaço, né? Eu acho que todo mundo quando me pergunta, oi conselho pra jovem música ó, infelizmente falo sim, infelizmente você tem que ir pra São Paulo, infelizmente você tem que ir pra São Paulo, pro Rio, dependem da música que você faz porque não tem espaço no interior. Não eu achei que com a internet isso ia mudar. Acho que não ia ter essa necessidade. Você vê países ricos. Estados Unidos, Alemanha, é Inglaterra, esses países aí, a maioria das bandas não moram nas capitais, elas moram na sua cidade. Você vê que um cara como James Brown morava na cidadezinha dele que era augusta, que era uma cidadezinha, né? Ele está no sul dos Estados Unidos. Grava em Nova York aí. Los Angeles. O Brasil não. Tem essa questão de você ter que morar em São Paulo. Infelizmente acontece isso. Eu acho que a banda o grande problema nosso foi espaço. O interior paulista vai falar ah Ribeirão pelo menos não é só Ribeirão Preto do Brasil em si é complicado você conseguir espaço. O que falta é

palco. Ah, você grava? A internet vai ajudar? Vai, mas você precisa apresentar o seu trabalho. Você precisa de um espaço vai falar, ah não tem, não tem público, realmente o público no interior é muito complicado pra música autoral. Público quer ouvir coisa pronta, quer ouvir música, quer ouvir cover, mas faz chegar lá, compra sua cerveja e ouve música que você já conhece. Então é mais complicado o autoral. Na capital no entanto. Tanto que a gente vai lançar o disco novo Frequência Modulada lançar dia dezesseis de outubro em São Paulo nosso disco porque aqui não conseguiu um espaço em Ribeirão Preto.

00:24:02

LOC.MIGUEL - Régis, você acha que o perfil de Ribeirão Preto não seria o perfil ideal pra aquele músico que está começando ou até mesmo o estilo que você está propondo? Você acha que aqui tem uma certa resistência?

00:24:17

LOC.RÉGIS - A música é autoral. É. A gente fala é em geral assim, é uma resistência. A música é autoral. É. A gente fala é em geral assim. É em geral, a música a sertaneja tem mais espaço mesmo é um é uma região onde a música sertaneja é muito forte o rock é muito o rock aliás no mundo inteiro né perdeu muito espaço no Brasil é pior ainda e no interior é complicado a gente tem pouco espaço temos assim bares na cidade,

então que dão espaço pro cover né? Se tem um Red Hot Peppers cover você consegue o espaço né? Você vai lá e toca. Agora música autoral é muito complicadinha quando eu comecei não estava tão ruim assim não piorou. É isso que me dói né? No começo dos anos dois mil, dois mil, até dois mil e dez a gente fazia shows nesses bares aí, aqui da cidade, eles dão o espaço pro autoral. Hoje não dão mais espaço. É uma coisa

que piorou demais. E onde não se produz música? Não se cria. A cena não existe, sabe? Cover pode pagar as contas, mas o cover tem um limite. É aquilo ali, acabou. Para o público enjoa, né? É, né? A cidade não, ela não existe. Como produção artística a cidade não existe. Ela precisa criar. Se não cria não existe essa cena. Essa cena não existe. Infelizmente. E falta espaço. Tem que ter uma boa vontade. Dona do bar ele quer ganhar dinheiro. Mas ele tem que ter uma boa

vontade também. Ah vamos dedicar uma quarta-feira quinta pra música autoral. Vamos ver se funciona, três e meia da tarde tem que ter essa boa vontade. Se não tiver não acontece.

LOC. MIGUEL - Régis, pra você o que faltou, você acha que tem alguma coisa que você não realizou e tem vontade de realizar?

00:25:47

LOC.RÉGIS - Eu queria ficar rico eu acho que foi isso que faltou na minha vida. Ficar milionário. São esses detalhes. Não mas basicamente é isso. Eu disse que a partir do momento que eu fiz trinta anos eu sabia já que né? Não ia não ia viver necessariamente disso, mas eu gravei os discos que eu quis. Queria ter gravado mais. Queria ter feito mais shows. Eu sinto muita falta mais de palco hoje. Mas a gente tentou. Eu acho que é faltou aquele passo né? A frente né? Eu sempre falo que a gente foi uma eu sou um artista que fiquei no meio do caminho. Mas tudo tem seu preço de alguma forma quis ficar aqui. Porque a vida é melhor, né? No interior, né? A vida é bem melhor em Ribeirão Preto do que em São Paulo. Em São Paulo, você vai, eu conheço amigos meus lá as músicas que eu conheço que foram que saíram de suas cidades pra morar em São Paulo os cara pastam lá né? Moram naqueles apartamentinhos no centro de São Paulo lá aqueles apartamentinhos pequenos criar aluguel caro pra caramba, mas é o preço que você paga. Você quer viver de músicas autoral? Quer se tornar um artista, né? Pleno. E é isso aí. É o preço que você paga em morar numa capital.

00:26:56

LOC.MIGUEL - E pra você, qual é a sua maior realização como músico?

00:27:01

LOC.RÉGIS - Ah eu acho que ter levado minha música, música dos meus amigos, pessoas que colaboraram com a gente aí ó, das bandas que eu fiz parte, tanto quanto acompanho o fantasma pra outros locais essa de sair de uma cidade, do interior paulista, tocar no Canadá, os canadenses ouvirem isso ser cantando em português, é outra música que eu cantava em inglês, mas eles foram lá ouvirem o que você tem pra cantar. Os caras irem lá curtir, cumprimentar,

comprarem o seu disco, né? Você viajar com essa banda pra outros países, eu não conheci o Canadá, né? Fui lá por causa da banda, né? Eu Espanha, né? Eu sempre falava da Espanha porque minha vó é espanhola, tem toda uma família de espanhóis aí com descender espanhola e eu não conhecia, fui pra Barcelona, por causa da banda fomos convidados pra participar dum dos maiores festivais do mundo que é o Primavera Sound, de Primavera Sandro e os maiores do mundo, né? Quer dizer, isso é legal, acho que já valeu por isso aí. Eu acho que tudo que você faz, que cê realmente gosta, né? Cê sofre, né? Eu falo que é uma maldição a música, uma maldição pra mim qualquer pro bem e pro mal. Eu vou fazer isso até morrer, não tem jeito. Eu acho que basicamente é ter viajado com a banda, ter levado minha música pra outros locais, pra outras. Cidades, outros países. Eu acho que isso aí é um motivo de orgulho. Pra mim e assim qual é o show ou evento que você participou que mais te marcou assim como acho que foram dois é a primeira vez que eu pisei no palco do Sesc Pompéia, que pra mim é o melhor palco do país Pompéia lá em São Paulo que eu sempre a mim era um sonho tocar ali. Eu lembro que na época acho que quando a gente lançou o primeiro disco né? Eu fiquei sabendo num projeto que eles começaram naquela época, começo dos anos dois mil, da casa e falar meu a gente tem que tocar nesse projeto mas como é que nós vamos a gente precisava ter um destaque na mídia mas uma mídia não conseguiu fazer pela Globo conseguimos lá na época a Globo tinha um quadro no Jornal Hoje eu lembro e a gente saiu nesse quadro que eram bandas de garagem que chama mas eu lembro que eu fiquei assim seis meses mandando material pro SESC Pompeia porque não tinha internet era como hoje tem que mandar o material pelo correio né? Disco né? A gente já tinha o primeiro mandava o disco físico pelo correio, ali bateu e ficava ligando pros caras ouviu e eu não a gente não tinha produtor né? Aí ligamos lá seis meses né? Aí eu lembro que lá saiu na Globo a matéria com a gente uma semana depois me ligaram em casa eu lembro que eu estava em casa lá acho que estava saindo tomando banho e minha esposa gritando vocês no telefone não era? Hoje eu estou na internet mas já era pelo telefone pra mim foi o primeiro grande sonho foi tocar no Sesc Pompéia lá em São Paulo. E o segundo foi tocar em Barcelona, eu acho. É, apesar da gente ter tocado pop Montreal em Canadá antes, Montreal foi legal tal, não sei o que, o primeiro show de internação, mas eu acho que em Barcelona tive noção da grandiosidade de um festival primavera Sound grande igual a cotila, igual esses festivais aí. Tem por todo mundo, né? Na Inglaterra, nos Estados Unidos é um ele imenso e assustou até a gente também foi sem produtor. Curadoria deles que escolheu a gente lá. Acho que foram escolheram quatro bandas das Américas. Acho que foram duas da América do Norte e duas da América do Sul. Elenco foi uma do Canadá e uma do Estados Unidos. Uma da Argentina e uma

é a do Brasil só a gente que foi escolhido essa curadoria aí. E foi fantástica. Só que é gigantesca. Foi naquela hora que eu falei pô precisava de uma estrutura maior. Produção pra levar a gente pra esse caminho aí, né? Foi fantástico. Eu acho que foi esses dois grandes momentos. Começo ali no Sesc Pompeia e depois de dois mil e catorze em Barcelona no Primavera Sound.

LOC.MIGUEL - E você teria algum conselho pra alguém? Você conhece a sua experiência? Vovôzinho fala

00:31:03

LOC.RÉGIS - Vovôzinho fala um conselho pra quem quer viver de música é aqui em Ribeirão Preto ou que seja, quer queira tomar um outro rumo na vida se mantendo de música. O que você falaria para as pessoas? É, eu acho assim, eu meus amigos que

vivem de música mesmo em Ribeirão Preto você tem que se preparar pra você fazer de tudo né? Você não vai você tem uma banda você não vai viver só dessa banda aliás muito pelo contrário ela vai ser vinte por cento da sua vida aí meus amigos músicos

profissionais, que que eles fazem? Eles dão aula, a maioria deles são professores, eles dão aula quase o dia inteiro assim, expediente das oito às seis da tarde, eles dão aula e a noite toca em bares, em bandas covers, né? Eles são músicos convidados, essas bandas não tem necessariamente uma banda, eles são convidados para tocar em casamento. Maioria deles ganham grana mesmo tocando em casamento. Você se prepara pra tocar em eventos como formatura e casamento. Você tem que fazer tudo isso aí. Tem que jogar para todos os lados, dar aula, tocar em casamento, tocar em bares e tal. E agora música autoral, ah! Eu quero viver de música autoral. Eu quero ser um compositor. Canta autor, como dizem aí meu amigo, meu conselho, conselho do titio Regis, vai pra São Paulo. Vai pra São Paulo, vai pro Rio de Janeiro. Hoje ou dependendo da música que você faz, vai pro Rio. Ainda tem espaço pop né? Samba, MPP o Rio é grande. Agora rock, música mais né? É São Paulo. Então infelizmente cara me dói em falar isso mas se você quer se dedicar a sua banda, sua carreira solo autoral, porque lá existe produtores, né? Existe espaço. Existe gente pra se interessar, que vai ouvir sua música e quer coisa diferente. É em São Paulo. Aqui isso não existe. Aqui houve coisa diferente. Não, você não tem espaço. Infelizmente, eu não sei é infelizmente me dói dizer isso mas esta é a dura verdade dura realidade. É a dura realidade do músico brasileiro.

00:33:16

LOC.MIGUEL - Bom é isso o primeiro episódio de histórias e cordas vai chegando ao fim, Eu agradeço a presença de Régis Martins.

LOC.RÉGIS - Isso aí Miguel, eu que agradeço a presença, o espaço que você deu aí pra gente, pra mim, pro Motormama, pra Companhia Fantasma. É sempre bom ter esse tipo de espaço aí em rádio, TV. Eu que agradeço aí e muito obrigado e parabéns aí pelo programa

00:33:34

LOC.MIGUEL - Muito obrigado agradeço também aos ouvintes que estão nos acompanhando pelo Histórias e Cordas. Muito obrigado por sua atenção e não perca os próximos episódios. Até logo!

EPISÓDIO 2 – ENTREVISTA COM BIA MESTRINÉR

00:00:18

LOC.MIGUEL - Histórias e cordas. Olá, sou Miguel Matias e nesse segundo episódio de histórias e cordas eu recebo ela, que dispensa comentários. Ela é graduada em serviço social na Unaerp, estudou regência na Unicamp, ela é cantora e compositora reconhecida no meio da MPB, eu tenho a honra de conversar com Bia Mestrinér. Tudo bem, Bia?

00:00:34

LOC.BIA - Tudo bom, que bom vir aqui Miguel.

00:00:38

LOC.MIGUEL - Prazer é todo nosso. Bia, pra começar a nossa conversa, eu queria que você falasse pra gente quando e como você conheceu a música e como você se tornar uma musicista, uma cantora?

00:00:49

LOC.BIA - Então, a música é assim, a gente tem uma referência da infância é na minha infância e adolescência eu vi muita MPB, Chico, Caetano. Na família Mestrinér que era os italianos e também sou Abraão que é o avô Sírio-Libanês aquela coisa da música árabe, sírio, os primos todos juntos cantando, tive uma prima professora de música em São Paulo muito boa e aí a gente sempre afinadinha assim uma turminha da afinação a gente fazia uma bandinha vocal e tudo, aí eu fui crescendo e na adolescência eu quis aos dezessete anos assim entrar num madrigal que chamava Madrigal Revives. É um coro de música renascentista de Ribeirão, parece que tem até hoje na USP. E é assim doze poses, aí eu ia cantando Renascença, música renascentista, aquelas quatro bordas depois também música do século vinte, os compositores Estravinski, DBC que são compositores importantes que fizeram a modernidade da estrutura musical. Aí já foi misturando tudo. Esse som da mais tradicional da música Renascentista. Ouvia muito Bah, muito, muita música assim clássica e misturei tudo isso. Em dez anos eu fiquei no Madrigal. Era um couro pequenininho com maestros maravilhosos de São Paulo, Marcos Pupo, Lutero Rodrigues são músicos mais famosas do Brasil. E vinham pra Ribeirão pra fazer a regência do escuro. E aí eu comecei então a ouvir muita música. Depois eu casei e deixei de lado essa coisa tive a Mariana, minha filha que também é cantora de música infantil até hoje, bastante. E a Isabela, que também é cantora de ópera. E aí, quando eu separei do primeiro casamento, eu falei, eu vou cantar na noite

entrei no Stream Palace. No streaming eu fiquei quase cinco anos cantando todas as noites MPB um pouquinho de blues, um pouquinho de jazz, é isso.

00:03:20

LOC.MIGUEL - Você estudou, regência lá na UNICAMP, por que você decidiu se escolher esse caminho se escolher a regência pra estudar, você que é uma cantora, é sempre estar a frente, sempre estar performando, né? Cantando e você decidiu esse caminho da regência?

00:03:31

LOC.BIA - É, tem a ver com o madrigal, que já dava estrutura da música clássica com a música contemporânea, né? Do século vinte. Aí eu prestei a Unicamp porque eu queria fazer a regência

pra dizer vou informar em música mas eu fiquei um ano e pouco só. Eu acho que eu não tinha aquele comportamento vamos dizer muito correto da regência em si. Eu tinha musicalidade mas eu acho que eu não não quis terminar. Então, mas acho bacana a música ela tem esse envolvimento de vários segmentos e eu acho que a música clássica é o que dá o respaldo pra tudo que a gente vai fazer

00:04:18

LOC.MIGUEL - Legal, você disse que as suas influências estão mesmo enraizadas na música clássica, né? Até citou Bach. Por que você escolheu a MPB pra seguir como o seu estilo de música?

00:04:31

LOC.BIA - Porque é o que eu sempre ouvi na vida, né? Desde pequenininha. Todos os compositores, o Tom Jobim, o MPB quatro, o quarteto em si. A gente tinha, eu acho que nós tivemos assim, até agora eu acho até uma decadência na estrutura musical. Essas músicas, elas pediam a melodia legal, né? Um Tom Jobim, tem sempre uma melodia linda e as letras tinham metáforas assim. Nada era muito falado e hoje o sertanejo você canta eu te odeio não, pra dizer eu te odeio meu amor que eu estou sofrendo tinha uma outra conotação falava numa poesia mais estruturadinha assim né? E antes acho que tinha um enriquecimento que hoje ah ficou um pouquinho de lado.

00:05:33

LOC.MIGUEL - O que você acha assim que contribuiu pra essa mudança é que a gente tem da MPB antiga pra agora?

00:05:49

LOC.BIA - Eu acho que é um empobrecimento posso dizer assim da estrutura musical da melodia da harmonia e a poesia eu não sei o Brasil culturalmente acho que deu uma decaída eu não entendo porque assim, eu não quero falar mal sabe? Eu tenho um cuidado pra dizer as coisas

mas o sertanejo no sentido geral ele contribui muito pra essa coisa direta de da poesia ficar escondidinha ela também midiática assim né? É e aí, é lamentável porque a gente teve um enriquecimento total, durante um bom período da música, desde a década de cinquenta que foi o início da Bossa Nova com João Gilberto, depois foram surgindo desde a música brasileira desde antes né? Com a Elizete Cardoso. Outras cantoras e compositores né? Desde a década de quarenta, cinquenta é um enriquecimento tinha muita melodia, tinha muita poesia. Eu não eu não eu prefiro não opinar sobre essa decadência da poesia, da falta de leitura talvez. Eu acho que as pessoas estão muito imediatistas, todo mundo quer resolver tudo rápido.

00:07:05

LOC.MIGUEL - Bia é você nasceu em Ribeirão Preto e mesmo após a sua ascensão o seu sucesso como como cantora você não deixou a cidade. Como que é viver de música em Ribeirão Preto?

00:07:30

LOC.BIA - Mas é o seguinte eu gravei dois CD né? Em noventa e sete as duas filhas, uma de doze e outra de cinco aninhos eu falei eu vou pro Rio de Janeiro. Vendi o apartamento, fiz um CD com Roberto Menescal que é uma referência até hoje da bossa nova. Fui morar na Barra da Tijuca, trabalhar em Jacarepaguá porque eu transferi INSS que eu era assistente social vivenciei aquela coisa do morro atrás da do prédio da previdência com os tiros, ah aquela coisa doida do rio aquela loucura. E aí quando eu quase fiz um ano de rio roubaram o meu carro. Nossa, eu achava que a minha vida seria no Rio de Janeiro, porque eu tinha um caminho, eu fiz show com o Menescal, eu era o Jazz Manias, eram casas muito importantes do Rio.

00:08:27

LOC.MIGUEL - A sua proposta musical também casa muito com aquela época no Rio de Janeiro, né?

00:08:31

LOC.BIA - Da bossa nova, sim, que a bolsa nova era Rio de Janeiro é a cara do Rio de Janeiro né? Aí roubaram carro e eu voltei pra Ribeirão. Quando você volta pra pro interior? Você vê

que tem umas guerrinhas diárias pra você. Achar casas para tocar o artístico que é pago pelo público em geral não todas as casas fica com o montante paga caixinhas pros músicos até hoje quase é assim, não todas. Então isso assim pra viver só da música não dá. Eu por isso que eu já tinha essa ideia e fui, sempre como assistente social no INSS mas pedir demissão do INSS que ninguém pede demissão de um serviço público por causa da música. Aí piora um pouco essa condição tal da sobrevivência. Mas os cachês ainda são poucos até hoje. Eu ganhava por exemplo em dois mil e um cantando aqui cem reais. Hoje é cento e cinquenta, duzentos, duzentos e cinquenta no Whats. Caiu. Negócio não é fácil, mas é o amor à música. Você quer cantar e ter essa relação com o público. Eu amo a noite, eu amo cantar no bar, olhar para as pessoas fazer as melodias e as poesias. É isso que a gente quer.

00:10:00

LOC.MIGUEL - Muito bacana, vamos aproveitar e falar é você lançou dois discos né? O primeiro em mil novecentos e noventa e cinco que leva o nome Bia Bossa Nova. O nome desse disco já deixa bem claro mas eu queria que você explicasse essa ideia enfim...

00:10:16

LOC.BIA - O nome desse disco já deixa bem claro mas eu queria que você explicasse essa ideia enfim não eu quem teve a ideia foi o Menescal de como eu era desconhecida no Rio de Janeiro ele falou Bia bossa nova porque a bossa nova já é um produto de venda, por exemplo, Japão ama Bossa Nova. É um país que se desespera pela Vossa Nova. Então o meu disco lançou lá também, embora eu não tivesse ido pra lá. Mas assim, ele me achou desconhecida, Bia Bossa Nova. Fica bem simplificado, aí com esse CD eu fui indicado ao prêmio Sharp que era o hoje é o prêmio da música brasileira que tem, não sei se tem outro dono. E aí fui lá no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, entrei lá e momentos felizes assim, só não continuei porque eu voltei pra Ribeirão. Senão acho que eu teria um caminho bem legal lá no Rio.

00:11:33

LOC.MIGUEL - E uma das músicas que compõe esse seu primeiro disco é a música O Barquinho. Vamos ouvir um trechinho dela!

00:11:49

LOC.MIGUEL - Bom Bia, vamos falar a respeito dessa música? É queria que você explicasse como ela foi produzida, inserida no seu CD, queria que você falasse pra gente um pouquinho..

00:12:01

LOC.BIA - Então como eu fiz como era um CD de bossa nova e o produtor era o Menescal eu achei uma homenagem legal a fazer o barquinho que é uma composição dele e do Ronaldo Bosco ele que o compositor também é da Bossa Nova e Menescal, ele produziu todo o CD os arranjos foram do Luiz Avelar que é um grande pianista e arranjador que mora em Portugal hoje mas assim de primeira linha arrasou nos arranjos e o Menescal tocou também? Então é uma homenagem mais assim o barquinho define muito o Rio de Janeiro dia de luz, festa de sol e falando do mar assim da coisa é a definição exatamente a exímia carinha do Rio de Janeiro. Por isso que eu achei que ela podia estar no CD. Bacana. Foi até bom citar essa participação do Roberto Menescal nessa produção

00:13:02

LOC.MIGUEL – Sobre seu primeiro disco queria que você falasse como foi essa experiência de conviver ali com essa turma da Bossa Nova os grandes da música né? Queria que você falasse um pouco dessa experiência.

00:13:18

LOC.BIA - Então naquela época eu lembro aqui do estúdio eu gravando estúdio do Albatroz não sei hoje se tem se está nesse com esse nome e frequentava a Joice, a Fátima Guedes são cantoras e compositoras que também excelentes da MPB pra a frente da Bossa Nova, né? E fazer sucesso lá fora também e eu estava encantada de estar no estúdio assim. Eu falei gente eu estou aqui que delícia, ao mesmo tempo a musicalidade da gente assim modestamente falando você vai acompanhando o que vai ali acontecendo e eu lembro que eu gravei rapidinho, eu conheci os arranjos ali mesmo porque você tem é que antes ouvir bastante. Eu não eu fui

acompanhante de tanta assim tanta intimidade com a Bossa Nova, com a melodia, com as notinhas fundamentais da bossa. Então põe encantamento. Eu fiquei boba lá assim acabei. Foi um momento muito feliz da minha vida.

00:14:30

LOC.MIGUEL - Escutando você relatar suas experiências com a música, o que que você sente quando você tá compondo, quando você tá se apresentando em algum evento, o que que você sente na hora?

00:14:49

Eu cada um dá o que tem de si, né? Eu posso oferecer pro público assim

Acho que a música tem esse papel do encantamento, de curar a doençazinha, de curar amor, de oferecer coisas legais, então eu acho que eu estou ali como artista, os músicos maravilhosos que me acompanham Carlinhos Machado, Tourinho de Liz, Zé Pereira que hoje está bem doentinha, a gente está torcendo por ele aqui em Ribeirão, isso, né? Então a gente oferece o que tem de melhor que é o enriquecimento da melodia, com a estrutura do piano, do baixo, da bateria, cada um fazendo o seu papel muito bem feitinho e as pessoas ficam felizes vamos aproveitar pra falar também a respeito do seu segundo disco que foi lançado dois anos depois em mil novecentos e noventa e sete que leva o nome num toque opa tom delicado

00:15:48

LOC.MIGUEL - Vamos aproveitar pra falar também a respeito do seu segundo disco que foi lançado dois anos depois do primeiro, em mil novecentos e noventa e sete, que leva o nome num tom delicado. Uma das musas que compõem as faixas é a música O Choro do Zé Mané. Vamos ouvir um trechinho dela? Solta o som...

00:17:04

LOC.BIA - Explica pra gente Bia o nome dessa música e a mensagem que ela quer passar. Então, o choro do Zé Mané é o a gente tem uma relação direta com o país, né? Sempre, com o cotidiano com os impostos, com o gasto, com o dia a dia eu lembro que eu fiz do choro do Zé Mané a sensação do brasileiro de sempre assim levando da política sempre a gente subserviente pois não e aí eu acho que é uma letra que estava no meu coração de falar eu lá nem sei do meu destino como eu disse com esse chorinho quando eu canto desafio todo o povo que se sabe de tudo e nem tanta tanto pula nessa roda pra se bambulhar. A gente está sempre na mão de alguém e o brasileiro não muda,

sempre na mão de alguém lá de Brasília, lá comandando. Lá a gente paga todos os impostos. Eu quis dar um resuminho e aí ficou uma letra era uma provocaçãozinha nesse sentido. Só sei que a vela é o ponto mais nobre. Pra mim a reza hoje eu vou suar. É como se o brasileiro suasse o tempo todo. Sabe? Sempre nas mãos, a gente cria um mundo mais essa dependência, né? É, uma é não mudou nada até hoje, eu acho que é difícil.

00:18:47

LOC.MIGUEL - Importante é você citou essas dificuldades, você passou no Rio de Janeiro, mas assim no geral, você acredita por você ser mulher, você teve mais dificuldade em relação aos homens eh fazendo o mesmo trabalho, ou alguma dificuldade em conquistar o espaço por ser mulher, queria que você falasse a respeito disso...

00:19:01

LOC. BIA - Eu acho que sim, eu acho que desde os tempos bíblicos eu sou cristã, absoluta, acredito mesmo em Deus e tudo e acho que tem uma história lá atrás das mulheres luta mesmo e na música especificamente é um ambiente muito masculino, a gente eu sinto que tem grandes instrumentistas, cantores, tudo mas é mais fácil pro homem ele entrar no bar, ele montar a banda dele, ainda acho que isso até hoje tem essa dificuldade. Embora tenha mulheres maravilhosas, bateristas, baixistas, né? Lembro tinha uma turma do Jô é que cedo ouvindo mas tinha uma turma do Jô tocava a primeira banda do programa do Jó era mulheres assim e elas são grandes é assim na prática tem a mesma técnica a mesma vontade mas ainda acha que é um mundo muito masculino eu vejo da noite aqui em Ribeirão especificamente os homens podem envelhecer que eles vão cantar a tocar as mulheres já tem um eu não é problema meu não, eu

estou de boa com a filha. Mas eu sinto que tem essa resistência que podia acabar porque eu falei eu quero montar um bar agora que eu já estou mais velha e tudo porque aí eu canto no meu, mas isso é antigo? É antigo. Eu acho que tem essa. A Bossa Nova ela é uma música que normalmente é tocada em bares, né?

00:20:49

LOC.MIGUEL - Como você já gravou o CD, eu queria que você explicasse pra um músico que não está habituado qual que é a diferença entre você ser aquele músico que só toca em palco pra uma pessoa que se apresenta eu diria semanalmente em um bar ou diariamente até num bar pra uma plateia que tá ali ao vivo. Como seria essa experiência?

00:21:02

LOC BIA - Então a estrutura da Bossa Nova ela é uma das estruturas. Eu não canto só bossa nova. Eu faço uma salada de repertório do jazz. Eu canto bastante jazz. Bastante blues, tudo que tem a estrutura da bossa que é o enriquecimento que veio do jazz é o que me interessa. Então eu acho que essa a Bossa Nova é uma referência pro Brasil. Mas o jazz é o pai de tudo, eu acho que é o pai do da bossa, do rock, do blusa, da coisa. Se bem que o blues começou, né? E eu gosto dessa salada de notas assim de dessa mistura de tendências com tanto que tem o enriquecimento estrutural da harmonia, da melodia e do ritmo. Então é uma saladinha assim de coisa. Eu semana duas semanas atrás eu fui em São Carlos Clube no São Carlos Clube, fazer só blusa e jazz. Eu acho que é uma audácia legal. Ontem eu pedi num bar aqui em Ribeirão. Dá pra gente marcar uma noite só de blusa e jazz. Bia, a gente só tem rock. Então, Ribeirão tem muito rock também, acho legal. Bares de bastante rock. Mas tem que caber essa coisa dessa salada de notas que eu te falei. Bia, atualmente você está tocando em quais locais aqui de Ribeirão Preto, até pelo nosso público

00:22:35

LOC.MIGUEL - Bia, atualmente você está tocando em quais locais aqui de Ribeirão Preto, até pelo nosso público prestigiar o seu trabalho?

00:22:47

LOC. BIA - Então não tem um bar específico assim gente como tem ah a nova geração de músicos a gente percebe que tem muitos bares, mas um tema específico não. A gente uma coisa que eu estou fazendo assim bastante que é legal são festas particulares. Tem muitos condomínios muita gente fazendo aniversário então isso é um trabalho bem legal, é mais do que os bares, mas eu amo bar. Nessa tendência do jazz aí, Ribeirão precisa ampliar um pouco essa tendência. Tem muito sertanejo menos MPB e muito rock. Então o jazz e blues tem que entrar mais. Certo.

00:23:32

LOC.MIGUEL - Certo. E pra quem quer acompanhar as suas trilhas, seus discos, quais plataformas elas estão disponíveis. Tá no Spotify é legal. No Spotify como além do Spotify queria que você falasse também a respeito dos seus contatos, redes sociais, pra você divulgar aí seu trabalho.

00:23:47

LOC.BIA - Então, Bia Mestrinér no INSTAGRAM, Bia Mestrinér no Facebook, eu tenho três Faces, tá? Sim, acho que quase treze mil pessoas assim juntando Bia Mestreriner certo. E Spotify Bia Mister num tom delicado e Bia Bossa Nova que são os dois CDs e Instagram Bia Mestrinér.

00:24:02

LOC.MIGUEL – Você está com um projeto ou uma banda? Explica pra gente...

00:24:11

LOC.BIA - Então, eu gosto de outra coisa importante. Os bares estão reduzindo pra não pagar toda a banda, eles estão reduzindo num músico só no máximo dois, violão e a percussão nessa

linha minha né? Da MPB e dos da POS e do jazz. Então eu acho que tem que ampliar isso o músico tem que entender que ele tem que atender esses outros, modalidades, abuso com baterista, o baixista e o que faz harmonia ou piano ou a guitarra no mínimo um trio. É uma maneira justa, decente, legal de se trabalhar. Não músico sozinha, não acho que é bacana. Então é bacana eu peço até pros músicos pensarem nisso quem sabe? Bia é vamos também falar a respeito de uma música recente que você desenvolveu em parceria com a USP o nome dela é por isso a música.

00:25:03

LOC.MIGUEL - Conta pra gente essa história dessa canção que você compôs?

00:25:15

LOC.BIA - Essa música é um resuminho do que eu sinto da música e ficou legal que eu gravei com músicos muito legais, até o Bidinho que é um trompetista que tocou no Rio anos e anos com todos o, João Bosco, está morando em Jardinópolis. Um beijo pra ele. E preferiu vir pro interior, mas é um senhor músico do trompete e nessa música eu falo, por isso eu faço música pra cantar tudo que é bom, pra dar sabor, falar de amor, brincar. Eu falo é da música, é patroa de um cantador, certo? E cupido de um box. Eu acho que eu fui feliz dessa letra que dá um resuminho do que eu sinto da música. Pela música em geral e estou feliz. Se puder tocar.

00:25:50

LOC. MIGUEL - Claro, vamos ouvir um trechinho dela...

00:26:33

LOC.MIGUEL - Pra quem quiser ouvir essa música vai estar disponível no Instagram.

00:26:49

LOC.MIGUEL - Eu queria agradecer a sua presença no nosso episódio. Assim, é um enorme prazer te receber aqui e quero parabenizar você pela sua linda carreira e sua trajetória. Você é realmente uma vencedora.

00:27:17

LOC.BIA - Ô que é isso? Obrigada e eu que fico feliz em contribuir aí também pro seu trabalho, acho legal. E eu acho que a vida é isso, a gente passa por aqui, vamos deixar um recadinho, cada um deixa o que tem de melhor e eu tô feliz por isso. Gostoso voltar aqui na Unaerp, estudei aqui há trinta anos atrás. Então é muito legal

00:27:31

LOC.MIGUEL - Estou bem feliz. O prazer é todo nosso. Agradeço também a nossa audiência. Não perca os próximos episódios e até logo!

EPISÓDIO 3 – ENTREVISTA COM RAFA PACHECO

00:00:18

LOC. MIGUEL - Histórias e cordas. Olá, sou Miguel Mathias e nesse terceiro episódio de Histórias e Cordas, eu recebo Rafa Pacheco, baixista da banda Chic Hernandez. Tudo bem, Rafa? Tudo bem, Miguel, tudo bem, é um grande prazer, né?

00:00:18

LOC. RAFA - Tudo bem, Miguel, tudo bem, é um grande prazer, né? Tá aqui com você hoje. Falando um pouquinho aí sobre a música autoral brasileira, falando um pouquinho sobre a Chica Hernandes. Vai ser um papo muito legal que a gente vai ter hoje aqui viu?

00:00:38

LOC.MIGUEL - Conta pra gente como a banda formada como a Chic Hernandez foi criada?

00:00:46

LOC.RAFA - Hernandes, ela foi criada, né? Em dois mil e nove, né? Pelo Davi, nosso querido, grandioso aí Davi Barral e pelo Chicão, né? Chicão Gaspar, né? E bom, eles dois, né? E sempre tiveram essa ideologia né? De montar essa banda e sempre focando a música brasileira. Então surgiu com eles com os dois né? Os dois. As mentes pensantes né? Da banda né? Então são eles é que que lá em dois mil e nove que decidiram né criar a Chica Hernandes e estamos até hoje aí né.

00:01:25

LOC.MIGUEL - Atualmente qual é a formação da banda

00:01:31

LOC.RAFA - Nós temos aí o Davi Barral né? No nos vocais. O Chicão né? Nas guitarras. Temos também o Felipe Maia também atuando aí na guitarra. A nossa queridíssima Andreia Mili na percussão, o Lelê, né? O Leandro na bateria e eu no baixo.

00:01:56

LOC.MIGUEL - Qual o estilo que define a banda?

Então Miguel, o estilo que define a Chique Hernandes ela não tem de fato um estilo pré-determinado, né? A Chic Hernandez é uma banda de som muito alegre né? De som muito dançante então é pra pessoa que de fato ela quer ela quer sair dançando de casa ela quer ir pra balada pra dançar pra se divertir, é basicamente assim esse é o estilo da Chique Hernandes né? É um estilo muito muito alegre muito dançante é pra dançar mesmo sabe? Quantos seriam as referências dos artistas que inspiram, as composições e até mesmo a parte da execução da música na banda mesmo. Sim, sim. Começa que cada integrante ela tem um estilo diferente, né? De música pra se ouvir, né? Então ao mesmo tempo que o Davi está escutando alguma algum tipo de som novo o Chicão também está escutando algumas outras referências e são referências que a gente busca às vezes talvez lá na África, né? Alguma de algumas elevadas,

algumas batidas, né? Então a Andréia que também tem um repertório musical também super supergrande, né? Então muita coisa, né, por vir da percussão. Então, ela também tem essa grandiosidade assim da de sonoridade. O Lelê também vem escutando que a parte um pouco da bateria um pouco mais ele, mais eletrônica também que ele usa muito que é um artifício que a gente usa bastante que é pra trazer essa musicalidade também com os elementos eletrônicos né? Eu venho também de uma escola que eu gosto muito de né? Por ser baixista eu gosto muito de Filakuty, né? De muita música africana, do Afrobeat, né? Essa essência e a gente se encontra aí, né? Então cada um escutando ali a sua música, cada um tendo o seu estilo. A gente tem algumas conexões, que são conexões de toda a banda escutar tal influência. Então que que a gente pode citar aqui né por exemplo é o Caetano toda a banda é apaixonada em Caetano próprio Gilberto Gil também o próprio Filakut que eu citei há pouco tempo atrás também. Então são essas bandas né? Esses artistas que a gente sempre pega um pouquinho de influência aqui e um pouquinho de influência ali e de fato a gente traz isso é pra nossa realidade

00:04:34

LOC.MIGUL - E como é fazer música aqui em Ribeirão Preto assim mais que uma grande cidade não é um dos principais centros pra se fazer música como que é essa experiência?

00:04:46

Exatamente Miguel, como você mesmo disse não é um dos principais polos diretamente assim não é um polo da música autoral principalmente a música autoral brasileira que hoje no cenário da música ribeirão-pretana. A gente tem tantos autorais brasileiros, também tem os autorais gringos aí, cantado em inglês, mas de fato, a música autoral em Ribeirão é um grande desafio e infelizmente, mas ainda continua sendo um desafio você criar, produzir, querer mostrar o seu trabalho são poucos espaços né que a gente tem essa abertura quando a gente apresenta a música autoral então em Ribeirão é um grande desafio para as bandas autorais sabe? Então por isso que algumas vezes, muita das bandas autorais de Ribeirão acabam tocando até mais fora de Ribeirão e cidades vizinhas ou o próprio São Paulo, Rio de Janeiro acaba tocando mais fora de Ribeirão do que dentro da própria cidade por culpa de abrir portas mesmo sabe? Então Ribeirão é um desafio tem que ser resiliente aí pra música autoral de Ribeirão Preto. Certo e você percebe se a gente olhar o perfil da banda você acha que

00:06:01

LOC.MIGUEL - Ribeirão Preto é um palco propício, ele se encaixa ao perfil que a banda busca como musicalidade?

00:06:10

LOC.RAFA - Olha Miguel, ele se encaixa, viu? Ele se encaixa, porque o público que nós temos hoje, como a gente comentou lá no início do nosso bate-papo, a banda começou em dois mil e nove E falando de público, falando de Ribeirão, quando a como a banda em dois mil e nove foi criada aqui pouco tempo atrás na semana passada tivemos um show e grande parte do público, é um público fiel desde essa época. Então teve várias carinhas ali que a gente viu no show no sábado que são as mesmas carinhas que a gente coloca quando vai assistir o DVD por exemplo. Então o nosso DVD ele está a gente tem o DVD no YouTube completo com todas as músicas daí quase quarenta e cinco minutos de DVD e várias carinhas que estavam no DVD que foi gravado lá em dois mil e quinze estavam nesse show de sábado agora. Então de fato a gente tem esse público, né? Fidelização. Fidelizado, exatamente, fidelizado. Porque é um público que que é voltado pra aquela tendência, né? Pra aquele movimento da tropicália. Que vem repercutindo, né? Até os dias de hoje, né

00:07:16

LOC. MIGUEL - Rafa você está na banda há mais ou menos um ano. Conta pra gente como você entrou, como foi a conversa com o pessoal. Explica pra gente como que foi.

00:07:31

LOC.RAFA - Boa, boa, Miguel, boa, foi muito, foi um dia muito legal, foi um dia muito feliz . Eu tive que foi esse convite aí foi uma quinta-feira lembrando aqui relembrando por uma quinta-feira eu recebi um telefonema de manhã cedo do Felipe Maia que nós somos grandes amigos já de muito tempo. Ele me ligou perguntando, né? Como é que eu estava com né em situação aí com a música se eu estava tocando em outras bandas. Como é que estava esse o a minha agenda

né? E aí eu comentei com ele e perguntei né o motivo da ligação e da pergunta né. Eu falei mas por que? Né? E aí ele comentou não porque a gente está precisando de um baixista na Chic Hernandez e nós pensamos muito em você. E aí a gente combinou né de fazer um som numa segunda-feira a nossa sagrada segunda-feira que são os nossos dias de encontro de ensaios e reuniões segunda-feira é o nosso dia sagrado. E aí eu conheci todos né? A Andreia eu conhecia de vista. A gente conversou muito pouco. O Chicão também o Davi eu conhecia bem pouco assim. A gente se conheceu naquela segunda, quem eu conhecia mais era o Felipe. Bom, e a conexão foi na hora, assim, sabe? Então, eles até passaram uma música pra estudar, pra gente fazer um som. Só que eles não sabiam que eu era fã. Entendeu? Então eles me passaram uma música pra gente fazer um som e ver que que saía e eu cheguei lá com umas sete, oito músicas já na manga assim, sabe? Foi muito legal porque de fato era não, né? Sou muito fã da banda, sabe? Então, quando o Felipe me chamou foi putz foi uma alegria muito grande muito grande mesmo. Desde então né a gente está sempre junto a gente se conheceu naquela segunda e a gente não se separou até hoje, vamos dizer assim.

00:09:16

LOC.MIGUEL - Dentro desse período qual foi a sua maior experiência tocando com a banda?

00:09:31

LOC. RAFA - Ah foi fantástica porque a Chic Hernandez era uma banda muito rica né? Culturalmente falando sabe? Então você pega as letras que o Davi faz, os RIFs que o Chicão produz, entendeu? A levada da Andréia junto com o Lelê ali na percursa, ali na cozinha da banda, sabe? Então pra mim foi um desafio muito grande, musicalmente falando. Pra mim foi muito bom, né? Porque você acaba tendo que estudar muito mais, né? Então aprimorar mais as suas técnicas, né? Pra você ser. É uma disciplina musical. Exatamente, exatamente. Então isso foi, mas ao mesmo tempo Miguel, foi um processo muito gostoso né? Porque é um processo quando a gente faz né? Aquilo com prazer e estamos em ao redor de pessoas tão maravilhosas como são, a banda inteira, né? Chic Hernandez e até os de fora banda também, né? Porque tem gente tem uns aqueles brothers que né? Que está sempre junto com a gente que está sempre inspirando a gente. Então é um é um círculo muito muito gratificante né? Muito leve. Então ao mesmo tempo que você acaba tendo que estudar muito mais, se dedicar muito mais. É um

processo muito, muito saudável, sabe? Então, isso é muito gostoso. Então, é tocar com eles, além de além de ser prazeroso, você acaba também tendo muito mais conhecimento, sabe?

00:10:47

LOC.MIGUEL - Vamos aproveitar e falar dos dois discos lançados pela banda. O primeiro foi em dois mil e quinze com o título Chic Hernandez e Batuqueira Band, foi um DVD. O segundo foi um EP publicado em dois mil e dezoito com o nome Tem Pra Quem Quer. Conta pra gente vamos falar a respeito dessas duas obras..

00:11:15

LOC.RAFA – Sim, sim toca, tocamos até hoje né? Muitas dessas músicas aí né? Lá em dois mil e quinze né? Na gravação do DVD e titulado aí né? Que é Chique Hernandez em Batuqueira Band, né? Foi um DVD, né? Gravado porque em lá na Casa de Arte Multimails, um DVD assim que ficou um material muito, muito bonito, muito bonito mesmo, tanto a parte de a parte sonora, né? A parte também de cenografia ficou muito bacana. São nove músicas que foram gravadas nesse DVD. Tá? E são músicas que de fato, né? A gente até brincou aqui, mas a gente toca essas músicas até hoje. Muitas dessas músicas são as músicas de fato que desde lá de dois mil e nove as pessoas conhecem né? Então nós temos uma música que se chama Chico Hernandes que é uma das mais conhecidas nossa que todo mundo já canta no nosso show então outras músicas como exemplo nós temos a Consuelo também, que o pessoal sempre pede também quando a gente toca, pessoal costuma gritar o amuleto quando a gente tá sempre no finalzinho do show assim. É tipo um toca Raul, quase isso. Em dois mil e dezoito temos esse EP Tem Pra Quem Quer , foi um EP gravado de quatro músicas também e também tocamos muitas dessas músicas até hoje né? Até hoje tem algumas músicas desse EP que está nesse repertório. Por exemplo o golpe que é uma das músicas também muito conhecida nossa, até pela letra né que é bem atual aí nos dias de hoje e também temos uma música que é pra quê? Pra quê também foi uma música que foi gravada pra esse EP. Teve uma participação dum grande amigo nosso também o Zé Vitor está lá em Portugal agora, então foi um EP também que teve muito carinho envolvido na produção dele, sabe?

00:13:25

LOC.MIGUEL - Recentemente vocês lançaram duas canções. Vamos ouvir a primeira com o nome E Uai, solta o som!

00:13:47

LOC.MIGUEL - Rafa, fala um pouco sobre essa música, como foi gravar ela, contexto que ela foi gravada, queria que você explicasse.

00:14:01

LOC.RAFA - É Miguel, foi um desafio também gravar essa música, porque a ela começou lá na composição dela, ela começou a ser composta presencialmente, né? Então, quando podíamos nos abraçar e nos ver então a gente começou mesmo a produzir, escrever a música presencialmente. Porém, a gente desenvolveu algumas algum alguns artifícios aí pra fazer uma produção virtual por conta da pandemia, né? Que nós ainda estamos vivendo? Então a gente desenvolveu alguns artifícios aí virtuais. Está usando muito sampa e muita influência eletrônica. E aí por conta disso por conta dessa linguagem mesmo eletrônica né? A gente teve uma oportunidade de um prêmio que foi o prêmio Aldir Blanc e aí com isso a Chic Hernandez acabou convidando o João Meirelles. João Meirelles pra quem não sabe ele é músico e produtor também da banda Baiana System e o trabalho do João Meirelles pra esse pra esse projeto nosso da foi bastante assim de orientação e produção musical. Além também de mixagem e masterização da faixa da música, da E UAI

00:15:15

LOC.MIGUEL - A segunda música lançada foi O Passarinhozinho. Vamos ouvir um trecho...

00:15:49

LOC.MIGUEL - Rafa, vamos falar sobre ela, conta pra gente, é um uma música que foi lançada no mesmo período e eu queria que você falasse a respeito dela.

00:16:02

LOC.RAFA - Da e eu queria que você falasse a respeito dela. Isso Miguel. Então assim como ela foi lançada no mesmo período então o processo de criação e produção dela acabou sendo muito parecido com o processo, colocamos muitos elementos eletrônicos, muito e também ela também teve aí a nossa mixagem, masterização também do João Meirelles, também participou dessa produção e Passarinhozinho ela conta bastante assim um pouco da saudade mesmo que a gente estava tendo naquela época de pandemia. Então estava aquela loucura, todo mundo ficando dentro de casa e a saudade das pessoas aumentando cada vez mais. E o nosso querido Davi Barral, né? Ele é da Bahia. Então ele não é ribeirão-pretano, ele é baiano. E ele começou a escrever essa letra justamente pela saudade que ele estava. Então assim, a gente ficando dentro de casa, então assistindo tudo somente pela TV, pelo celular, pelos jornais. Então isso foi demandando um estilo novo da nossa vida. E aí a gente também teve que nos afastar de muitas pessoas, dos lugares que amamos e esse ponto dos lugares que a que nós amamos foi um dos pontos inspiradores pro Davi. Então aquela saudade do abraço, a saudade do sorriso, a saudade de viver em grupo. Então a música Passarinho veio dessas saudades. A saudade de até o Davi fala muito né? Saudade de Salvador que é descrito até de uma forma lúdica e delicada pelo refrão que o Davi canta nessa música. Então quando ele comenta Passarinhozinho está longe do ninho, Passarinhozinho, janeiro não voou. Então isso é uma música que de fato ela fala sobre a saudade mesmo dessa época que nessa época tão ruim, né? Que nós passamos. Eu queria uma opinião sua. É uma opinião particular sua.

00:18:16

LOC.MIGUEL - Qual a música que mais representa a banda na sua opinião?

00:18:22

LOC.RAFA - Nossa Miguel difícil falar viu? Porque é tanta música boa né? Sendo mais direto e reto eu acho que a música que mais representa é a música que leva o nome da banda. É a Chic Hernandez. Então achei que a música Chique Hernandes é uma música pra mim muito importante pra banda primeiro porque leva o nome da banda e ela passa muito a essência de porquê. Ela é uma música muito dançante, muito animada, muito alegre sabe? Até em dias nebulosos de chuvas e trovões você pode colocar ela que vai mudar seu dia sabe? É basicamente

assim não é que eu essa analogia que eu faço sabe? Porque ela é uma música muito importante pra banda sabe? Tem esse nome Chic Hernandez ele foi é um como que é?

00:18:59

LOC.MIGUEL - Tem esse nome Chic Hernandez ele foi é um como que é? É um jogo de palavras? É um como que a gente poderia descrever assim o significado?

00:19:09

LOC.RAFA - O nome Chic Hernandez é uma história bem louca que veio dos nossos mentores da banda Davi Chicão, eles dois que colocaram o nome Chic Hernandes e eles colocaram em um tom bem profético, né? Esse nome. Que é como se o Chico Hernandes é o maestro. Então é um maestro Chic Hernandez E que que esse maestro Chic Hernandez ele pediu? O maestro Hernandez pediu que fizéssemos músicas onde a gente consegue embalar desde criancinhas até um velhinho descolado. Então o nosso maestro Chic Hernandez ele vem pra ordenar essa festa.

00:19:55

LOC.MIGUEL - Atualmente em quais locais e eventos vocês estão se apresentando?

00:20:03

LOC. RAFA - Bom Miguel, a gente tem tocado bastante, né? Bastante em festival, né? Inclusive um dos últimos aí que a gente pode citar, né? Que foi um show muito, muito legal, foi um show super animado, tava um dia lindo e foi lá no forró da lua cheia. Tocamos no sábado, período aí da tarde. Estava um dia maravilhoso. Todo mundo animado. Foi um show muito muito legal. No sábado passado fizemos também um show na fábrica. Temos outras agendas aí. Pra esse mês ainda e já pro próximo mês mas a gente está confirmando ainda essas agendas, né? Mas temos alguns shows aí já pré-definido até final do ano. Mas a grande maioria são festivais né? Até por culpa também de ser músico autoral. Então, aonde a gente consegue, né? Circular e caminhar melhor, né? São por esses são por esses meios, né? São os meios aí da do dos festivais, né? Que são os incentivadores da música autoral e tudo mais

00:21:02

LOC.MIGUEL - Queria aproveitar e pedir pra você falar pro nosso público os contatos da banda, enfim, quem quer conhecer o trabalho? Perfeito! bom, basicamente, né Miguel?

00:21:16

LOC. RAFA - Perfeito! bom, basicamente, né Miguel? É todos os canais digitais aí a gente tá presente. INSTAGRAM, Facebook, Spotify, Deezer, YouTube, tudo você pode encontrar digitando mesmo, né? Chic Hernandez, batuqueira band. Você consegue encontrar nesse todos esses canais. Temos também o nosso telefone né? Pra contato pra show que é o dezesseis nove um sete três oito nove três um. Esse é o nosso contato aí também direto pra show e também temos nossos o nosso e-mail né? Que também é Chic Hernandez arroba Gmail ponto com.

00:21:46

LOC.MIGUEL - É isso o terceiro episódio de histórias e cordas vai chegando ao fim eu agradeço a presença especial de Rafa Pacheco da banda Chic Hernandez. Muito obrigado Rafa.

00:22:02

LOC.RAFA - Muito obrigado a você Miguel e toda a sua equipe aqui da rádio foi muito legal tá presente aqui com vocês contar um pouco aí da nossa da nossa história e claro incentivar a cultura incentivar a arte, incentivar a música autoral e principalmente a música brasileira.

00:22:18

LOC.MIGUEL - Quero agradecer aos nossos ouvintes não percam os próximos episódios e até logo!

EPISÓDIO 4 – ENTREVISTA COM MARCEL RIVOIRO

00:00:00

LOC.MIGUEL - Olá, sou Miguel Matias e nesse quarto episódio de histórias e cordas, eu recebo Marcel Rivoiro. Ele que já passou pelas bandas Cruzeiro do Sul, Signos e Faixa Adicional.

Atualmente é integrante das bandas Micróbios e Experience e Os Virgens, onde percorreu vários programas da TV aberta, como o show do Tom, Domingo Legal e Hoje em Dia. Tudo bem, Marcel?

00:00:17

LOC.MARCEL - Beleza meu amigão? Tudo certo, véi?

00:00:21

LOC.MIGUEL - Marcel, conta pra gente como você conheceu a música e por que você escolheu ser músico?

00:00:35

LOC.MARCEL – Na verdade assim eu sempre gostei tudo começando lá atrás mesmo minha tia tocava violão e a gente, eu e ela sempre reunia assim a galera e eu puta comecei a gostar demais falei pô começou a me ensinar mais uns acordes assim eu comecei tocando violão e como a gente era tudo vizinho os integrantes da banda ali o Nato, Márcio que era que era do da banda inicial ali né? Ãhn a gente começou a tocar, todo mundo ganhou o violão da família, dos pais e reunia na rua e ficava tocando cara e trocando ideia, fazer umas aulinhas. Antigamente as aulas era na igreja, né? Seguindo a igreja vai ter aula de violão. Aí pô, todo mundo começou a levar a sério, né cara? E começou a tirar música e tal. Aí chega aquela hora que que a gente

separa mas oh meu você vai tocar bateria você vai tocar baixo você vai tocar guitarra então foi por aí cara foi um lance um estímulo meio que familiar assim o que fez Ah tá então, aí que está, quando teve essa divisão aí que a gente falou meu eu quero bateria e o meu pai me deu a minha primeira bateria que era ruim pra caramba chamava Roll Star. Cara era muito ruim era o tinha uma loja aqui Ribeiro chama Palácio Musical que era lá na onde é o calçadão hein? E nosso cérebro mas assim pô beleza fiquei felizão né? Aí comecei a estudar comecei a estudar batera mas assim aquele ah na verdade aquela vontade de montar uma banda que fez eu ir pra bateria, né? E não foi nenhum, cresci na verdade eu sempre fui interessado por em cima de corda por violão, guitarra. Tanto é que tinha as festas do meu pai e aposentado do Banespa, né? É instinto BANESPA e a gente, eles tinham as festas de fim de ano e uma vez eu lembro até hoje cara. Porque não era tão fácil você ver uma guitarra, importar uma Fender por exemplo. Porque isso

eu estou falando de sei lá, eu devia ter sei lá, em oitenta e oitenta e sete estou falando está ligado? E aí tinha um cara tocando tiozinho que ele tinha uma Fender né? Aí velho hora que eu vi a gente assim porra curti a fenda porque a gente via na revista aí via na nos vídeos aí a hora que o cara abriu o case assim eu vi a frente não acredito véi puta velho olha isso então colava véi colava no tiozinho ficava fazendo ele tocar a noite inteira o dia inteiro mas aí a batera foi esse lance. Pô vamos dividir, vamos montar a banda. Então a vontade de montar a banda. Aí comecei na batalha, comecei a levar a sério, né? Comecei a estudar. Pegaram aí você começa a pegar gosto e é investir, né cara? E tinha um monte de amigos, a gente fez um monte de amigos que tem um dava toque pro outro. Não tinha tanta informação, porque não tinha internet, não tinha era legal que tinha uma cena muito legal em Ribeirão, né? A gente como tinha uma cena musical massa pra pô cara aquele batera toca muito cara. Então pô eu lembro que do Fernandinho era um cara, o cara tinha uma pinguim botaram a pinguim era uma das mais foda né? E tinha uma pinguim lindona assim cara. E ele, a gente falou assim, meu, vamos na casa do Fernandinho pra ver a gente foi ver ele tocar ele tocou uma música do Rush, véi e assim tocaram essa era só pros, era o fim da picada era só pros cara. Aí você vai apaixonando cada vez mais, né cara? Isso que é massa.

00:04:35

LOC.MIGUEL - Quais foram as suas inspirações, tinha algum baterista que você inspirava assim?

00:04:45

LOC.MARCEL - Então, eu sempre fui muito fã do Led Zeppelin né? E o John Bull que é o baterista do Led Zeppelin ele tinha um jeito de tocar muito muito massa que ele era pesado pra caramba só que ele era swingado porque ele ia gostava muito da escola da Motão, sabe? De soul music. Então o cara tocava pesado e swingado. E o Led Zeppelin sempre foi experimental pra caramba. Então você pega cada álbum do é um tipo de som, né? E tem uma hora que meio, uma hora que é pesado e o do né que primeira vez que eu vi qual é o da música instrumental eu caí da perna falei nossa que isso? Eu quero aquela virada então mano esses dois foram muito marcantes assim pra mim. Mas assim tem pô tem uma porrada do The Police. E assim o próprio o João Barone aqui de do Paralamas sabe? Aí você começa a ver as bandas o Titãs quando eu

vi ao vivo também tinha um time de batera muito massa e tudo vai instigando né? Que eu também pô que massa quero tocar né?

00:06:05

LOC.MIGUEL - Bom, assim, pelas suas referências, você é um cara que toca rock. Além do rock, você toca mais alguma algum outro estilo musical dentro das performances que vocês apresentam..

00:06:18

LOC.MARCEL - Então eh é até legal que você falou isso aí que até tem uma passagem muito massa que a gente que rolou antes da pandemia não lembro se dois mil e dezessete acho que dezesseis que eu, Prestes e o Flavinho, Flávio Anchieta, baixista aqui de Ribeirão, o Brasil é o guitarrista da minha banda também, né? O Adriano Prestes também cara muito bom e a gente teve um guitarrista que veio pra cá o que é americano, norte-americano. E o cara conheceu o Pretz, fez um contato e ele trouxe o Grag Hall e o Graghal é um guitarrista que tocou com Michael Jackson, sabe? Tocou com uma porrada de gente, um cara fenomenal. E os caras eles tocam muito essa praia meio fusion sabe? Meio instrumental que já não é tão só rock né? Já é um negócio mais prog mais rebuscado, mais difícil de tocar, cheio de partes. Então e a gente acabou acompanhando ele nessa passagem dele por Ribeirão e foi muito massa assim por tanta experiência de tocar com um cara desse e de tocar é um outro tipo de música, uma coisa instrumental, uma coisa e mas assim eu gosto muito, sempre gostei do Just Fusion sabe? Pra pra treinar, pra tocar, mas assim é o meu repertório as bandas que eu sempre toquei foram sempre mais de rock e pop. Né? E assim tirando assim quando eu passei pela Cruzeiro do Sul eu toquei muita percussão né? Então aí você toca de tudo né cara? Você toca reggae, sertanejo você toca de tudo né mano? Forró e mas assim como eu sempre gostei de percussão eu até o Deva que é um cara que eu estudei aqui em Ribeirão teve oportunidade de estar junto um bom tempo assim quando eu dava aula na clínica numa escola. É uma escola ainda existe ainda. Então eu tive muito contato de percussão. E percussão abre muito a mente, sabe? Eu acho muito legal. São vários jeitos de tocar, são várias timbragens, vários sabe? É nuances assim é muito legal é um universo muito massa. Eu lembro até hoje tinha uma loja em São Paulo de uma

Batucadas Mil eu entrava eu ficava louco véi, um cara de um pauzinho que você rodava cara é cara é muito louco é muito muito massa.

00:08:55
LOC.MIGUEL - E você continua dando aula?

00:09:03

LOCA.MARCEL - Não aula eu parei aula eu parei porque sim eu dava eu dei aula um bom tempo lá na Clean e depois eu continuei quando eu tinha um casa que eu transformei em estúdio e tal só que aí eu hoje em dia eu mudei pro apartamento então aí e outra também não dá tempo cara aula é um negócio que eu gosto muito de dedicar, de preparar sabe? E gosto de buscar também quando eu dei aula na eu fui estudar com o Douglas as casas em São Paulo que é um puta de um batera foda. E pra poder trazer um mais conhecimento pra galera também, né? Então, hoje em dia é, está meio difícil o tempo não dá não dá. E até agora o que que você pode perceber referente as dificuldades.

10:00:00
LOC.MIGUEL - Quais são as maiores dificuldades encontradas sendo músico aqui em Ribeirão Preto?

10:10:00
LOC.MARCEL - Aqui realmente é um lugar, aqui o são duas faces ali né? Tipo o legal de estar em São Paulo é você poder entrar em gigs maiores assim tipo você ser um side man toque por exemplo com um cara sertanejo famosão né? Pô você está você está morando em São Paulo ali você pode ser mais visto né? Você entra já na naquela turma que que toca mais por ali que galera fala pô os cara toca legal vou chamar pra tocar em tal lugar né? Mas assim em Ribeirão melhorou muito cara assim se você tiver um eu sempre falei pra galera se você tiver um projeto bem feito bem organizado, você não fica sem trabalho. Aqui. Porque além de ter muito bar sabe? Cara a gente a gente mudou tipo os vídeos por exemplo. A gente começou em dois mil e três por aí e estava um auge do pop rock. Sabe? Todo mundo estourando ali, CPM, Charlie

Brown, Jota Quest, Skank e então o Pop estava em todo lugar. Inclusive feira agropecuária, né? Então você não ficar sem tocar nem a pau. Quando os vídeos foi pro deu aí deu aquele boom de sertanejo tal e deu uma caída boa assim de pop. A gente começou a fazer casamento que esse essa ramificação a gente pegou uma essa fatia do casamento que é que é muito legal que o nosso reportório agrada pra caramba sabe? Todo mundo sai contente aí regra gregos e troianos. É aí agrada pra caramba e assim a gente faz o nosso trampo sem descaracterizado demais. Sabe? Eu não preciso entrar numa banda de sertanejo pra poder ganhar dinheiro, sobreviver. Então eu acho que o lance de trabalhar em Ribeirão, se você tem um projeto bem feito pô tem tanta gente aí que organizou esquema sabe você tem que saber ver o que que está rolando por exemplo eu gosto muito de música eletrônica pô tem uma galera que organizou um uns projetos com DJ, guitarra, percussão, DJ Evo Wazz, né? Então esse tipo de trabalho é legal, se você sabe se organizar e fizer um negócio legal, usar um material legal, botar a cara pra sabe? Pra tocar e acho que você não fica sem trampo hoje em dia

00:12:20

LOC.MIGUEL - Você se sente um músico realizado com tudo? Com a sua experiência, com o seu repertório ou você acha que falta algum objetivo pra alcançar? Como que você vê isso?

00:12:34

LOC.MARCEL – Então, quando você tem vinte e poucos anos você quer? Você quer fazer sucesso né? Você quer fazer sucesso de qualquer jeito. Bah! Fazer sucesso. A gente até chegou perto ali, né? No sucesso por aparecer nessas nas TVs, nos programas, tal. Mas é um negócio que que meio que sabe, é uma linha, né? Uma linha tênue ele. Ou se você passar dali você explode. Aí se você fica ali você trabalha e tal mas assim eu não sinto tipo mágoa nenhuma nada sabe? Negócio nossa ressentimento porra nossa não consegui eu acho que eu trabalho bastante, sabe? Tem um monte de lugar pra tocar. Sabe? Acho que eu acho que o pessoal gosta de mim pra caramba que acho que em Ribeirão todo mundo conhece meu trabalho, sabe? Acho que eu sou super realizado. Eu e eu sou um cara que eu não paro quieto assim eu enjoo rápido das coisas sabe? Então eu vou tipo eu, a gente teve uma época que a gente fez muita música com os Billings muita música, porrada, inclusive a gente está trabalhando pra colocar elas no Spotify agora nos streamings né? Stream. Porque não tem nada de disponível assim né da das

músicas. Então eu acho legal colocar, foi uma história legal tem que ter tem que ter está ali que teve muita gente tem muita gente que que conhece a gente que pergunta sabe? Que até lembra das músicas assim. Mas digitalizar mesmo. É deixar no disponível ali.

Mas assim eu uma coisa que eu queria muito é entrar mais nesse lance da música eletrônica sabe? Do não só até tem uma amiga minha que canta a Mari Piso que que ela compõe ela tem uma voz muito massa cara, estava falando com ela da gente fazer esse projeto sabe? De botar sabe fazer uma música uma música legal que tem uma melodia massa ela tem uma voz mó delícia assim e jogar. Temos que jogar pro de repente isso aí acontece alguma coisa. Eu acho que as coisas hoje em dia são meio assim sabe? Ah os DJs é a música eletrônica está muito forte. E os caras pesquisam pra caramba véi. Pesquisam os caras eles buscam coisa nova sabe? Então de repente esse cara pô que legal cara bota no set então é isso é uma coisa que eu almejo ainda agora e o resto assim eu acho que eu me sinto realizado.

00:15:16

LOC.MIGUEL - Marcel, uma das músicas da banda Os Virgens esteve vinculada em uma das novelas da Record, né? Explica pra gente aí cara então quando a gente estava com o empresário lá em São Paulo ele era o diretor bambambã lá na época, né? O Viodomar. Ele colocou a gente em vários programas, né? De TV e uma das músicas que a gente tinha feito chegou a tocar nuns episódios da novela assim uns capítulos né? Episódios né? Um de série né? Nos capítulos da novela. Então isso foi legal porque cara, TV tem uma força muito grande né? TV é um negócio que você pode tocar três segundos a sua música ali. O negócio vai repercutir sabe? Então isso foi legal pra gente. Tudo que a gente fez em TV aberta foi legal, sabe? Ter participado do Gugu, sabe? Cara, a gente tremia, né? Esse é o lance do Gugu, é engraçado porque ele aproveitou o gancho, como a gente tem uma banda meio irreverente assim, Os Virgens, ele aproveitou o gancho pra foi de um acho que é aniversário de morte dos mamonas. Então ele fez uma matéria pequena do Mamonas tal e chamou a gente, assim a espera disso é muito louca que o cara, o diretor vai no camarim e fala ó seguinte lá no palco tem os relógios do IBOPE ali e com os relojão assim cara, contando a audiência, né? Os picos de audiência que está muito pra baixo e caiu. Assim é o termômetro. Se entra uma atração que o cara falou: olha se vocês entrarem e for bem vocês ficam mais, senão a gente acorda. O cara já manda essa logo antes da gente entrar. Aí a gente entrou e foi legal, tá? E fizemos mais uma música, falei, pô, que bom, né? Pelo menos não fomos no início. Primeira música, né? Então a essência é legal cara. Tudo que

é feito na televisão é massa. E esse estilo reverente o pessoal chegou a confundir com as mamonas ou. Ah nossa. Cara, vixe. O é aquele lance né? Quando você parece com alguém assim, você ama eu odeio. A gente nunca copiou o Mamonas porque assim Amoras é a gente sempre é fã pra caramba sabe? Na verdade, a gente começou a fazer esse negócio irreverente por causa de um bar que a gente tocava que o Andrei conhece bem, entendeu? Berlim Bier e a gente meio que competia com a boate que era swingers que era que era junto né? Então a gente fazia um pra segurar a galera ali e fazer umas brincadeiras. E então esse jeito irreverente da banda começou mais ou menos ali então foi pra imitar o Mamonas né? E só que assim quando a gente lançou as músicas, o problema foi esse, né? A gente pô o Mamonas tinha, a Brasília amarela e agenciou a musiquinha em Flávio do Fiat Caramelo. Nossa. Aí véio. Aí nossa, eu lembro até hoje no comentário. Que legal como é que é a força da do era o Orkut na época né? Olha. Aí tinha uma amiga nossa que é até cantora. A Mariana Tozzo, era a ela que cuidava da nosso a comunidade e mano, a gente tinha acho que cinco mil pessoas aí quando foi no Gugu cara de um dia pro outro foi pra treze mil, nossa! Aí velho! Só que assim, aquele negócio homem eu odeio, né? Aí a galera comentando, nossa! Que horrível! Cópia do Mamona, não sei o que lá! E tinha gente nossa! Que legal! Se me fizeram relembrar, então tem gente que sabe que adorou e tem gente que odiou mas é massa mas é aquele lance né? Fale mal, fale bem, vamos falar sobre a música chamada o bom e velho rock and roll.

00:19:33

LOC – MIGUEL - Em dois mil e quinze, você gravou com a banda Micróbios Experience. E que ainda contou com a presença do Paulão da banda Velhas Virgens. Vamos ouvir um trecho dela. Solta o som...

00:20:34

LOC.MIGUEL - Conta pra gente como foi a experiência de fazer essa parceria com o Paulão, gravar essa música. O Paulão é um cara muito massa. Puta cara legal demais. A gente conheceu, a gente toca

00:20:48

LOC.MARCEL - Em evento cervejeiro pra caramba, né? Com a Micróbios já é uma outra banda, né? Que é que eu sou baterista e vocal que toca mais rock clássico, né? E então a gente tava tocando em São Paulo num evento, não foi antes foi a gente tocou no empaday que é um evento de cerveja Ipa né? Tipo Ipa e ia ter vários vídeos depois micróbios depois várias vezes. E pô o Paulão os cara da Veras ficaram ali assistindo e pô Paulão gostou da gente pra caramba né cara? Ele subiu lá cantou com a gente a Ju, a Juliana Costa também que é a cantora do Velhas Vidas também subiu deu Canja e a partir daí a gente ficou brother sabe? Trocando ideia pra caramba. A gente foi tocar em São Paulo num outro evento. Ele também foi. Então virou um brother. Toda vez que ele vem pra Ribeirão que dá tempo ele dá um toque. A gente sai pra tomar uma e o Paulão inteligente pra caramba, que ele é redator do programa como é que chama aquele do Portioli lá? Programa. Domingo Legal? É Domingo Legal? Domingo legal, né? É então ele é ele é redator, né cara? Ele trabalha no SBT pra mil anos. Paulão, a gente teve a ideia falei pô Paulão vamos pedir pra gravar uma música junto né cara? Aí eu fiz um rascunho ali, fiz uma letra aí passei pra ele, ele modificou umas partes ali aí fiz um rascunhão ele veio pra Ribeirão fui buscar ele estava tomando uma lá Invicta lá porque a Invicta fazia cervejas dando várias vezes né? E aí fui buscar ele lá e fui pro estúdio gravamos e pô eu falei legal pra caramba cara divertido pra caramba está cara massa e é muito massa ter esse registro aí ele deu um tchan na música que ele é demais né?

00:22:45

LOC.MIGUEL - Marcel em dois mil e vinte você participou de um projeto chamado Eletrosfera onde foram lançadas duas músicas vão ver uma delas, solta o som pra música Jumper Blues...

00:23:18

LOC.MIGUEL - Explica pra gente esse projeto.

00:23:32

LOC.MARCEL - Cara então como eu te falei já antes né do que eu gosto muito sempre interessado em música eletrônica eu comecei a fuçar pra caramba comecei a produzir um monte de coisa e música eletrônica fiz até um curso em São Paulo lá com o né? Que é um DJ super

renomado, gravou com todo mundo aí. E a música eletrônica era assim, cara. É você tem uma ideia, você senta e começa a testar né? E assim o Paulinho também que é o vocalista dos Vinicius gosta muito também sabe? O Prisco também tem muitas ideias legais de linha de baixo pra que a música eletrônica é muito sabe? Além de baixo dita muito o lance da música eletrônica e aí eu sentei, o Jumper Bruce por exemplo foi fuçando nos arquivos ali eu achei um arquivo com um solo de gaita muito legal assim. Aí eu falei pô cara eu vou fazer uma música eletrônica com essa pegada de gaita meio blues assim. E aí bolei uma letra ali gravei e fui e desenvolvendo a música, né? Então é um negócio experimental sabe? Eu não experimental de pegar e jogar pô está legal isso aqui mostra pros brother sabe está massa tem uma outra que eu gravei a brisa bater que é mais como é que fala é sunset, está ligado? Está ali no sunset ali no estão rolando esse som que ele tem um uma explosão no refrão assim. Então é experimental, que é coisa experimental que é muito massa. Eu procuro e pretendo retomar porque eu dei uma paradinha mas eu pretendo retomar esse projeto que é que eu gosto demais assim.

00:25:22

LOC.MIGUEL - E atualmente em quais locais você se apresenta festivais pro pessoal prestigiar seu trabalho, enfim...

00:25:33

LOC. MARCEL - Cara, a maioria dos lugares aqui é mais os bares mesmo sabe? A café acho que faz tempo que a gente não participa de uns eventos maiores assim porque assim o a na verdade com o Micróbios, por exemplo, a gente até faz mais coisas porque a gente toca em eventos cervejeiro e moto clube né? Sabe muita coisa de moto clube. A gente tem sempre está por aí né? Agora com os vídeos é mais os bares aqui de Ribeirão mesmo assim quase todos. E agora evento o evento pop assim está mais difícil, né? É um negócio mais volta do pro público mais jovem que que já tá num numa parada uma parada mais funk, mais sertanejo, né? Ou é uma parada rock and roll que aí galera chama a gente bastante.

00:26:00

LOC.MIGUEL - E quais são as redes sociais ou até mesmo o perfil do Spotify o pessoal também acompanhar as músicas.

00:26:07

LOC.MARCEL - Ah legal isso é massa, a gente os incentivos muito o Insta né cara? Que é o os dos vídeos é arroba Os Virgens esse contato também serve pra quem quiser contratar vocês sim é só entrar lá já tem um link pro WhatsApp e tal, tem bastante vídeo mostrando trabalho. O Micróbios é arroba MX RP. A gente abreviou Micróbios pra não ficar então ali também tem muito vídeo, muita coisa, os lugares onde toca agenda eu sempre coloco agenda semanal sabe? De todos os lugares onde eu estou tocando a minha agenda individual né? E o meu individual é arroba Marcel Rivoiro e o Spotify é assim na verdade são playlists que que eu crio ou então o Eletrosfera que é com PH né? Eletrosfera que tem essas músicas disponíveis aí o a dos vídeos a gente não ainda não colocou não conseguiu colocar, mas vamos colocar em breve já disponibilizar também pra galera conhecer o trabalho antigo. Tem muita coisa no YouTube dos vídeos assim né? Porque os vídeos tem uma história grande né? Uma história longa. Porque não é só, é desde dois mil e dois, três eu tenho que ter coisa antes assim da gente então tem muita coisa lá. Quem quiser, tiver interesse em pesquisar, só botar ali. É desde dois mil e dois, três eu tenho que ter coisa antes assim da gente então tem muita coisa lá. Quem quiser, tiver interesse em pesquisar, só botar ali.

00:28:18

LOC.MIGUEL - O quarto episódio de Histórias e Cordas vai chegando ao fim, eu agradeço a presença especial de Marcelo Rivoiro e a todos os que estão ouvindo o nosso podcast. Muito obrigado por sua atenção e não perca os próximos episódios. Até logo!

EPISÓDIO 5 - ENTREVISTA COM FERNANDA MARX

00:00:18

LOC.MIGUEL - Olá, sou Miguel Mathias, esse episódio de histórias e cordas eu recebo a cantora Fernanda Marques. Ela é jornalista formada na UNAERP e canta diferentes estilos musicais há vinte e cinco anos. Tudo bem Fernanda?

00:00:28

LOC.FERNANDA - Tudo bom, prazer tá aqui. Obrigada pelo convite.

00:00:33

LOC.MIGUEL - Prazer é todo nosso, viu Fernanda? Eu queria pra começar essa nossa conversa, que você contasse como você conheceu a música, né? Enfim, como foi esse processo?

00:00:49

LOC.FERNANDA - Bom, a minha família é muito musical, né? Então, em casa assim era muito é ainda muito comum é a música eu costumo brincar que pode queimar a televisão mas não pode queimar o rádio então a gente sempre está ouvindo música, a minha tia por parte de mãe ela é professora de piano o meu pai tocava violão em casa assim formalmente os meus irmãos faziam parte de uma banda aqui de Ribeirão, uma banda quando eles entraram no Tiro de Guerra, né? Aquela época assim, dezoito anos, tinha uma banda marcial, né? Então, eles faziam parte que meu pai era diretor da banda também. E aí depois o Ricardo e meu outro irmão, ele em bandas, né? Bandas da cidade e tal. E eu sempre fui muito de escutar a música, também cheguei a fazer piano com a minha tia, mas não se acabei não seguindo. Atendi mais ou menos que idade assim? Ai quando eu fiz piano eu devia ter uns dez, oito, dez anos eu acho assim e aí na escola mesmo onde eu estudava tinha coral, tinha aula de instrumento, gostava de fazer flauta e tal. Então eu sempre cantei, sempre gostei da música. E em casa a gente tinha um costume de fazer as famosas rodinhas de violão assim. A gente sentava na porta da cozinha e a princípio sem instrumento aí depois o meu irmão Ricardo começou a tocar violão então eles acompanham, a gente tinha pastinha aquelas pastas que eu acho que você nem vai lembrar disso. De repartição pra colocar a cifra, né? É, não tinha isso, tem tinha essas pastas, mas a gente também tinha aqueles uns caderninhos que vendiam nas bancas assim, que tinha letra e tinha, vinha com a cifras e tal. Então a gente tinha tudo tinha até essas coisas e cantava em casa. E aí quando eu tinha treze anos uma amiga que é minha amiga irmã até hoje assim e naquela época sem boleto pra pagar. Uma vida bem tranquila a gente não se desgrudava, né? E aí um dia ela chegou aí pra mim e falou olha, a companhia está precisando e está chamando crianças, né? Pra fazerem parte do coral infanto juvenil deles, eu acabei de ir lá fazer o teste aí a Renata e a Renata o nome dela. Aí a ela falou acabei de fazer o teste você não quer ir fazer também pra gente cantar juntas? Aí eu entrei liguei lá na Gisele telefone Gisele diretora artística lá da companhia criadora, ela atendeu o telefone e aí ela falou, perguntei se eu podia fazer o teste, aí

ela falou, quantos anos você tem? Aí eu falei, treze, ela falou, nossa, mas tem uma voz tão grave assim pra treze anos, corre aqui pra fazer o teste agora. Aí minha mãe fazendo as coisas de casa, interrompi ela, falei, não, mãe, tem que ser hoje, porque é o último dia, tal, tal, tal. Aí ela me levou, aí eu fiz o teste, passei no teste e comecei na Companhia Minas quando eu tinha treze anos. Aí quando eu tinha quinze, a companhia liminar sempre teve coral infantil, infanto-juvenil, né? E o coral de Ópera, que era o coral adulto lírico, né? E a gente brincava que entrar no coral de Ópera era como passar em concurso público, sabe? Uma faculdade que teve superconcorrido, assim, um curso super concorrido e tal. E aí quando eu tinha quinze anos a gente, eu fui chamada pra ir para Ópera. E aí entrei no coral de Ópera e eu comecei a participar de várias montagens. No Coral Juvenil eu participei, participei de algumas que tinha criança, né? Que tinha coro de criança e jovens. Mas aí no coral de obra tinha muito mais montagens, mais concertos, então a gente montou a flauta mágica por exemplo, depois eu já fiz a Traviata, algumas óperas, né? E nisso nesse meio tempo fui estudando foi fazendo aula de canto, fazer aula de canto particular com Gisele e aí depois passei pro coral de câmara que era um coral menor ainda da companhia Minaz, mas que era voltado mesmo pra estudos de músicas de câmara, fazia com grupo, vamos dizer assim, mais próximo do profissional, né? Porque a maior naquele naquela época as os as cantores do coral de Ópera eram amadores no sentido de tanto amadores quanto diamantes da arte eh e pessoas que acompanhavam, tinham pessoas que iam pra Campinas fazer aula com a Gisele quando ela morava lá, então era bem era um grupo muito muito firme, muito forte mas não eram profissionais, tinham outras profissões, né? E aí foi indo, né? Fomos, fui, fui andando, andando, andando roupa de aminoácidos, onde eu tô até hoje. Semana passada a gente tava fazendo um espetáculo, inclusive, o musical é site story e aí eu fui, virei sua lista, né? Então eu tinha as participações como solista nos nas montagens e também como coralista. Depois de um tempo virei monitora que a gente dá suporte para outros grupos, né? Hoje também. A gente sempre acompanha esses coralistas e depois disso e fui seguindo. Aí chegou na época de fazer faculdade, todo mundo queria que eu fizesse música. Eu tentei me arriscar fazer só que eu fui muito mal na prova prática, muito mal assim, mal real. Eu não tinha me preparado. E na prática não, na prova teórica, na prova pra eu tirei dez, a prova teórica eu zerei. Então, assim, não deu muito certo, mas eu não queria, eu queria fazer jornalismo e desde sempre eu quis fazer jornalismo. Eu acompanhava com meus avós, né? Meu avô assinava jornal e ele gostava muito, ele sabia as histórias todas, é outra pessoa que me apresentou a música clássica, então ele me apresentou o clássico O Erudito, os boleros e tudo mais e por parte do meu pai eu fui família do meu pai eu fui apresentada pela música pela música popular. E dentro

de casa tinha as duas coisas, tinha tanto o erudito quanto o popular, né? E aí não, passei na faculdade de música e tempo eu tava fazendo, prestando jornalismo. E aí eu passei na faculdade pra vir fazer na Unaerp. Aí vim pra cá, estudei aqui os quatro anos e ao mesmo tempo eu seguia cantando, combinasse e tal, o trabalho paralelo aos estudos, né? Isso aí eu fazia faculdade de manhã, até acabei de passar ali pela sala. Matar a saudade. Fazia faculdade de manhã, à tarde eu trabalhava na TV UNAERP, com a Flávia, Martelli, com a Juciana, aí trabalhei os quatro anos na faculdade lá e saí, né? Me formei e tal, me formei e segui trabalhando como jornalismo e continuava cantando no Minaz, e aí quando foi dois mil e doze é dois mil e onze na verdade uma algumas pessoas começaram amigos que tem banda né? Começaram a me chamar vem fazer uma participação por que que você não canta aqui com a gente e tal e aí eu fazia umas participações assim mas sem compromisso. Sem compromisso, é. Aí e quando era mais nova, as pessoas falavam pra mim, nossa, por que você não, por que que você não vai ser cantora, né? Eu falava, vai não tem que ter muita disciplina, tem que dormir cedo. Imagina, jovem, adolescente, queria dormir cedo, queria ir pra festa, queria, né? Aproveitar. Não queria ter que ficar cuidando da voz, dormir cedo, não ir num churrasco, porque minha vida inteira foi falar num posto

o ensaio. Mas aquela época eu não queria e eu achava que se eu tornasse a música profissão eu num eu ia achar chato, sabe? Apesar de seu gosto pela vida, né? De aproveitar era uma bobeira porque eu já era profissional na música não tinha formação né? Acadêmica mas eu já era profissional da música. Eu tinha era aquela dedicação. Já tinha ensaio todos os sábados. Eu tinha ensaio de quarta-feira sábado e quinta-feira. Então assim meu, três vezes na semana você, né? E aí e horas em um ensaio sérios e tal. Aí comecei a fazer isso. Aí em dois mil e onze um amigo me chamou pra entrar numa banda que chama Missionários do Blues, que completa inclusive vinte e cinco anos de existência esse ano e aí eu fiquei meio assim, falei, ah, eu não sei se eu quero, né? Não sei. Aí ele falou, não, tem, opa, desbati aqui. Opa, não, tenta. Aí, entrei, gostei e eu lembro que a primeira apresentação dos missionários eu assustei muito assim porque foi num espaço cultural a minha apresentação primeira com eles foi num espaço que tinha aqui que chamava Espaço A Coisa e a gente se apresentando lá e todo mundo passava, falava, batia com cerveja na mão, tal. E eu assim, gente, que loucura, né, porque eu tava acostumada. Quase apresentações do Minaz, onde as pessoas e assistam então aquilo pra mim foi um pouco acostumar com o tipo de palco, né? Foi diferente. Mas eu gostei, eu gostei. Aí passou um tempo eu estava assistindo, estava no assistindo um espetáculo de um amigo criminoso estava fazendo uma série de apresentações de do solistas dos alunos de canto apresentando o seu repertório que

ele tinha um repertório erudito e naquela época eu não tinha um repertório pra fazer um concerto ali de uma hora de música erudita. Aí eu me dei um clique, eu virei e falei, olha, eu vou lançar um show aí estava ao lado do meu amigo do outro amigo meu cantor Gabriel virei aquele o Gabis eu vou vou lançar minha carreira solo aí ele falou que história que é essa gente? Não de onde que você tirou isso não é do nada assim. Aí eu falei, não, vou lançar, já tenho, tô com tudo aqui na minha cabeça já. Aí ele falou, ah, então a hora que acabar o conserto, você me conta. E nisso, acabou o conserto, eu já saí, fui falar com o Ivo, que é um dos outro o outro criador da Companhia Minaz e produtor e tal. Cheguei pra ele e falei, Ivo, eu quero fazer um show, vou estrear minha carreira solo e quero estrear aqui, né? Já que todo mundo vai fazer, eu vou fazer o meu do meu jeito. Artista da casa, né? É. Aí ele falou, não, vamo embora. Aí eu lembro meus pais estavam viajando eu liguei pra ele disse assim oh vou lançar minha carreira solo estréia meu show em outubro e eles entenderam nada né de onde que eu tinha tirado essa ideia. E assim nasceu o Flores Café. Que é esse show que agora eu colorei dez anos de carreira e assim nasceu minha carreira solo também que eu venho caminhando aí com ela.

00:12:04

LOC.MIGUEL - Que bacana Fernanda. E olha, você é uma artista que é muito eclética né? Você canta diferentes estilos musicais que passam pela MPB, ali, o samba, a bossa nova, né? Eu queria saber dentro do seu repertório, qual o estilo musical que mais te representa como artista?

00:12:30

LOC. FERNANDA - Nossa, eu acho Difícil responder essa pergunta porque eu costumo dizer que todos. Eu acho que as misturas que me encantam na verdade. Então eu acho interessantíssimo fazer uma mistura de um samba com jazz. Eu acho que a gente acaba bebendo em forma em lugares diferentes para se formar. Então, pra mim é muito difícil. Aí você fala assim, ah, é o samba, é o samba. Aí cê fala, ah, não, é verdade, é o samba. Eu falei, não, mas o jazz tá meio solto também, o então assim, eu não consigo te dizer, é uma coisa, sabe? Eu acho que de todos os estilos que eu canto todos me representam em algum lugar sabe? Então o samba eu acho que é com a com essa questão do mas aí também se você for parar pra pensar jazz também tem swing sabe? Então eu acho que são todas as coisas ao mesmo tempo até essa

impressão e assim você teria alguma música que marcou a sua vida e que te fez se tornar uma cantora ou algum artista que você se inspirava, a sua adolescência. Eu acho que música é mais difícil de dizer, mas porque eu tenho vários assim, mas eu acho que os artistas são mais fáceis, então pra mim é Maria Betânia, eu acho que ela é uma intérprete que eu que eu eh me inspira muito a essa questão, essa maneira como ela traz a palavra, como ela faz você prestar atenção no que não só da melodia, não só na harmonia, mas você prestar atenção na mensagem, né? Eu acho isso muito muito incrível, bom, o Chico pelas letras, né? Caetano também, são, Gonzaguinha com certeza, que também, eu acho que o os as os artistas que são muito ligados a palavra, eles me prendem me prendem e me inspiram muito então são artistas que eu escuto até hoje apesar da tipo né do já ter falecido há muitos anos a obra dele é muito atual cada vez mais né atual sim e tem uma obra imensa então seis escuta aí depois a pouco você descobre outras coisas dele sabe? Gil também eu acho que são esses assim são os que mais? Luiz Melodia são os que uns que me chamam muito a atenção e os do samba né? Paulinho da Viola, Noel Rosa e também da não só da geração antiga, mas a nova geração também, muitos. Fer, queria que você falasse como que é ser artista aqui em Ribeirão Preto, você acha que

00:15:19

LOC.MIGUEL - Fer, queria que você falasse como que é ser artista aqui em Ribeirão Preto, você acha que a sua proposta artística é casa com ou que o público de Ribeirão Preto procura ou se encontra alguma dificuldade? Queria que você falasse a respeito disso.

00:15:31

LOC.FERNANDA - Tá, eu acho assim eu não encontro dificuldade mas por que que eu acho que eu também não fico parada eu já em outros momentos assim que eu conversando né? Em outras entrevistas e até mesmo com outros amigos músicos, a gente fala muito isso. Se você tiver em qualquer lugar e que você não fizer o movimento, não vai adiantar, você pode morar em São Paulo, ai, nossa, as pessoas às vezes tem uma ideia tipo, ai, vou mudar pra São Paulo e lá vai ser, tá tudo certo. Não, às vezes é vinte vezes pior, porque por ser uma cidade muito com muita gente tem uma oferta muito grande, né? De músicos pra tocar em eventos, fazer show a cidade é muito mais cara, então tem toda uma ilusão achar que isso de vida, né? Exatamente, é uma ilusão achar que pelo simples fato de você morar em São Paulo, isso vai mudar. Não, se

você não fizer o movimento, não vai mudar em São Paulo, não vai mudar em Ribeirão, não vai mudar em Nova Iorque, em lugar nenhum

00:16:31

LOC.MIGUEL - Então, atitude mesmo, né?

00:16:35

LOC.FERNANDA - É, eu acho que assim, e aí eu falo, por que que eu falo que eu não encontro dificuldade? Porque eu não dou conta de ficar parada. Uhum. Então eu estou a todo momento tentando estar em todos os lugares que é cansativíssimo mas tudo bem faz parte tanto me apresentando quanto curtindo o trabalho dos amigos também que esse é um movimento importante né? Então você consumir, né? Você poder estar num lugar onde outro artista está se apresentando é também muito importante.

00:16:15

LOC.MIGUEL - Apoiando a classe né?

00:17:18

LOC.FERNANDA - Apoiando exatamente. Apoiando e também a pessoa entenda nossa que legal sabe? Pessoa frequenta também o show dos outros. O que muitas vezes acontece aqui e não só aqui em Ribeirão, mas o que muitas vezes acontece que as pessoas não vão, às vezes nem compartilha um negócio, um amigo vai tocar nem compartilha, você não precisa ir, às vezes você não tem dinheiro, não tem tempo, não quer, tudo bem, mas nem compartilha o show do outro, nem compartilha que vai ter, nem sabe? Então assim, é um movimento que faz você não encontrar dificuldades, né? Lógico que a gente vive num numa cidade onde um estilo musical prevalece mais, né? Tem muito mais espaço que é o caso do sertanejo que não é o caso da música que eu canto mas ao mesmo tempo eu faço samba que também é um é uma tem ali uma no ranking dos preferidos está mas a música que eu faço por exemplo nos meus shows elas não são músicas que dá pra fazer num barzinho por exemplo entendeu? Porque a gente pensa um show de uma maneira conceito, completamente diferente, com arranjos diferentes e tal. Por

que não é uma música pra ser consumida como entretenimento. Como entretenimento de, né, assim, daquele fugaz, assim, superficial que você está ouvindo a música, né. É mas você tem que saber fazer esse movimento. E eu acho que eu consigo fazer esse movimento. Eu sinto que eu consigo fazer esse movimento porque é isso. Porque eu estou sempre estou sempre fazendo sabe? Então assim eu não, ah se a gente tivesse de dar uma resposta simples é não, não encontro dificuldades por justamente achar que a gente vai encontrar dificuldade se a gente não se movimentar. Não tiver atento aos movimentos, não tiver atento ao que tá acontecendo, ao quem tá tocando e que isso também faz parte do trabalho do músico. Escutar música, né? Ouvir música e conhecer novos músicos e conhecer, tipo, só de ouvir mesmo, mas conhecer perto, tentar conversar, fazer um relacionamento, fazer relacionamento, a gente faz comunicação. Música é comunicador. Se não se comunicar aí você vai se estrepar mesmo. Vai encontrar muitas dificuldades.

00:19:31

LOC.MIGUEL – Fer, por ser mulher você encontrou assim alguma resistência em relação ao seu trabalho ou feito por cantores homens mesmo? Por cantores homens não, por instrumentistas sim. E muito, muito mais no começo, hoje num

00:19:47

LOC.FERNANDA - Por cantores homens não, por instrumentistas sim. E muito, muito mais no começo, hoje ainda existe, mas eu acho que é em outro lugar, né? É o é o tal do nas vezes eu passo por essa coisa dos de os caras virem me explicar uma coisa que eu já sei fazer tempo e talvez antes dele, sabe? Mas eu também sou bocuda então eu já falo não pode ficar tranquilo querida eu sei fazer chega em cima pra gente não alongar muito essa conversa eu já começo a cortar, mas no começo nossa no começo sim no começo era nossa ela é uma filhinha de papai que quer cantar e de filhinha de papai não tinha nada porque eu sempre sigo no termo sigo no tênis sigo trabalhando pra ter minhas coisas sempre foi assim, só que tinha essa coisa, né? De aí não, isso daí ela não quer fazer nada não, é só vai fazer um show aí, vai e não vai fazer mais nada, sabe? Mas enfim, mas passou, a pessoa viu que não era e hoje temos uma ótima relação, tá tudo bem? Mas vai sim, passei por isso e de vez em quando dá numas passadas assim.

00:21:04

LOC.MIGUEL - E você se sente uma artista realizada assim no balanço da sua carreira assim você acha que você conquistou tudo aquilo que você almejava?

00:21:16

LOC.FERNANDA - Enfim tudo que eu almejava até agora tem mais coisa que eu quero até agora eu tinha até agora eu estava fazendo. Fiz aniversário segunda-feira e eu parei pra escrever um texto, né? E eu sempre penso numa palavra que é a palavra do AME, eu acho que a palavra desse ano foi colheita e por quê? Porque enfim, vinte e cinco anos de carreira e dez de carreira solo e muitas coisas bacanas aconteceram e muitas aconteceram esse ano né? Então assim no ano em que eu já tinha em mente fazer a comemoração desses meus dez anos de carreira, mas no ano que eu pensei isso aí eu fui contemplada com o PROAC e consegui circular com esse show por cinco cidades aí do Estado de São Paulo, além dessa circulação eu consegui também um músico que é uma referência pra mim, que é o Pedro Luiz, carioca, compositor, cantor, produtor, né? Tem trilhas aí espalhadas pelo Brasil todo inclusive que são dele e a gente acha que é do Cidade Negra, que é do Rappa e as músicas são dele e isso pra mim e com e a gente acabou criando uma parceria. Né? E criou um elo e esse elo ficou foi muito bacana. Então assim, ter de chegar nesse momento e ter essa pessoa como referência que é uma referência pra mim como um uma possível um possível parceiro mas uma parceria longa pra mim é sensacional assim mas repito quero mais estou super feliz mas quero mais sempre almejando mais lá na frente né?

00:23:04

LOC.MIGUEL – Fer, atualmente você se apresenta em quais locais né até pro nosso público ir lá prestigiar o seu trabalho, né? Conhecer melhor.

00:23:18

LOC.FERNANDA - Sim. Eu me apresento em diversos, mas assim, faço bastante coisas no Teatro Minas, faço parte da programação, né? De alguns espetáculos eu canto no Bar do

Chorinho, eu tenho cantado bastante eventos fechados também e alguns eventos fora da cidade, mas o que é legal é que assim, eu sempre divulgo a minha agenda no meu Instagram, então todo começo de mês tem uma agenda lá, inclusive assim quando o evento é aberto é fechado pra pessoa saber se ela pode ir ou não né? E também quando as vezes aparece no meio do caminho a agenda já fechou no meio do caminho a gente alguma coisa sem a gente sempre divulgar lá. Eu falo que o meio mais fácil de saber aonde eu estou é seguir meu Instagram.

00:23:43

LOC.MIGUEL - Qual que é o seu Instagram?

00:23:50

LOC.FERNANDA - É F Marques Marx, né? Cantora.

00:23:56

LOC.MIGUEL - Bacana. E o seu sobrenome é Marx mesmo? É nome artístico?

00:24:18

LOC.FERNANDA - É Marx Marques com Q U S E. Ele virou mais com X na faculdade. Porque aí quando eu comecei a assinar os as fotografias, eu fazia fotografia. Eu amava a parte de fotografia. Nunca quis fazer TV, nunca quis fazer rádio o povo ficava louco que não queria fazer rádio por causa da minha voz e eu falava, aí não, não quero, não quero. E então eu fui fazer, quando eu comecei a assinar as matérias e as fotos não lembro quem que foi o professor César? Não, o César me dava fotografia, mas eu não lembro quem que falou, quem sugeriu, né? Que que tivesse um nome artístico. Aí eu pensei em primeiro em fazer marquês com Z. Aí eu falei, não, acho que eu quero encurtar, porque Fernanda já é cumprido, né e aí eu quero encurtar. Aí eu fiz com aí eu coloquei o X. Por vários motivos. Inclusive por isso que todo mundo acha que é mesmo.

00:25:01

LOC.MIGUEL - Que legal Fer, eu queria que você falasse, tem alguma apresentação que te marcou, alguma música que você fez assim, que, enfim, você guarda na memória, assim?

00:25:17

LOC.FERNANDA - Ah, eu acho que tem algumas, né? Tem algumas, em dois mil e dezenove tiveram vários né? Muito muito incríveis assim. Uma das incríveis do por exemplo é o são os meninos cantores na janela os pinguim você vê aquele mar de gente assim a hora que eu vou lá cantar e todo mundo cantando junto com vocês, gente, mais de quinze mil pessoas cantando, é muito legal. Teve uma que a gente fez em dois mil e dezenove, a gente fez uma turnê na Europa e aí a gente cantou no castelo que era incrível também. Música brasileira pros europeus. Os gringos. Foi muito legal. Nossa, dominados é difícil lembrar que tem tantas, mas assim, aí, nossa, teve uma muito bacana também, eu não lembro o ano, eu não estava na faculdade ainda, eu estava no ensino médio. É, no ensino médio. O maestro Roberto mentiu que veio aqui pra Ribeirão. Ele era daqui, né? Era daquilo não, ele era o maestro oficial da Orquestra Sinfônica e aí a gente fez o choros número dez do Villa Lobos que é uma das que é uma das peças assim que eu mais amo na vida que é em Tupi-Guarani. Aí eu lembro do, na verdade não era nenhuma apresentação, era um ensaio, mas a apresentação também foi incrível, mas esse ensaio eu achei incrível. A gente já a sede do MINAS já era lá onde é o Teatro Minaz hoje, mas ainda o teatro não tava pronto, então ela tipo era uma um galpãozão assim gigantesco. Aí a gente ensaia na parte de cima. Aí ele chamou a gente ele estava tentando a gente estava ensaiando, a gente já sabia música, a gente já sabia os ritmos mas a gente estava duro né e aí ele falou, não, cês num, cês precisam sentir essa coisa do índio, né? Essa coisa do Tupi, então vamos desceu com a gente, fez a gente fazer uma roda gigantesca e eram mais de cem pessoas. A gente fez uma roda, eu lembro que ele pegou um tambor e ele batia esse tambor aí ele explicou que a gente tinha que bater o pé no ritmo assim como se fosse como né? Os índios e cantar a música. Foi uma das coisas mais incríveis da minha vida assim a energia mais incrível.

Agora dos meus shows o meu primeiro, né? Que foi super emocionante assim e um outro que eu fiz quando eu lancei o show do Gonzaguinha também que a plateia era super perto assim, eu fiz uma arena, já tinha pedi pra montar uma arena. Então o palco ficou no meio e tinha plateia dos dois lados assim. Era um jeito bem perto assim da gente da de eu ter a plateia junto e isso muda a energia demais assim do show. E agora esse que a gente fez com o Pedro aqui em Ribeirão que foi incrível, quando eu vi ele chegando pro ensaio quase morri eu falei gente eu

não estou acreditando que esse cara está entrando aqui ó nesse estúdio pra ensaiar comigo e aí depois a hora que eu chamei ele pro palco ele entrou no palco eu falei meu ele está entrando no palco do meu show, é isso mesmo, né? Tá. E fora que, né? Os músicos, os músicos, os meninos, meus amigos, grandes músicos que me acompanham há dez anos e outros entraram no meio do caminho, mas que também fazem parte tanto quanto que estavam desde o começo são incríveis assim então a gente pra fazer o Flor de Café a gente ensaiou por quase seis meses todos os domingos e a gente sentava ensaiava eles fizeram a criação dos arranjos

e é muito legal ver esse processo, né? De criação, assim, a hora que cê vai vendo, tomando corpo, é uma gestação, né? Quase uma gestação. É quando vai ter que ir tomando corpo e aí de repente cê vem em cima do palco, aquilo no final e aí você vê o público se emocionando, as pessoas te falando depois, o que sentiram, sabe? É muito legal assim. Eu acho que são esses momentos icônicos. Que marcam mesmo, né?

00:29:16

LOC.MIGUEL - Fer , eu já queria aproveitar e falar sobre a sua discografia, né? Você já lançou, foram um disco. É. Lançou um disco. Para quem também quer conhecer...

00:29:31

LOC.FERNANDA - Ele está no Spotify e Spotify, no Deezer, na no tem disponível no YouTube também, no YouTube normal e no music. Tem no aí gente eu sempre eu falo errado no Google, Google Play. Tem no Google Play. E quer dar uma enrolada na língua, né? Tem na também no iTunes. Coloca lá no Google mesmo. Inove com dois N´s tudo maiúsculo, Fernanda Marques. Ele já aparece de cara todas as plataformas que estão disponíveis. E é só acessar. Está lá liberadão acessar, quem não tiver alguma dessas de nos streamings é desses pagos pode acessar pelo YouTube que o disco também está inteiro lá.

00:30:02

LOC.MIGUEL - Certo. E até eu queria chamar atenção pra pra uma música sua, A Lembrança. Queria que você falasse um pouquinho a respeito dela...

00:30:18

LOC.FERNANDA - Essa música eu comecei a escrever ela em dois mil e onze. Antes de lançar carreira solo. E aí eu escrevi um pedacinho quando eu tomei um contrato que eu tomei um pé, né? Tipo fui mandada embora de um relacionamento. Fui demitida e aí fiz um pedacinho porque ela diz muito do que normalmente eu faço assim, eu não jogo as coisas fora eu guardo porque às vezes eu quero revisitar aquelas coisas em algum momento, sejam elas qual for, né? Então se você é falta de um de ex é exatamente eles guardam tudo. E aí eu comecei a fazer, só que eu não conseguia terminar deixei ela lá. Quando eu conheci em dois mil e treze o Lucas Oliveira que é que inclusive é o diretor musical desse disco, toca comigo no Flor de Café e muitos outros shows. E ele é compositor e um ótimo compositor e faz assim com facilidade. Aí falei, ô Lucão, termina essa música aqui pra mim, né? Aí ele pegou, terminou, juntou ali umas fez a segunda parte da música, entrou também com a melodia e me entregou e eu amei assim, não tinha bem o que o que eu queria, né? E aí ela entrou na com certeza, ela entrou o Lucas também de outras quatro canções desse disco que é a gratidão que ele fez para o disco.

00:31:54

LOC.MIGUEL - Queria aproveitar e falar dela também, da música Gratidão.

00:32:01

LOC,FERNANDA - É, a gratidão ele fez pro disco, que é a música que abre o disco, ele fez pra mim, né? E que também é uma música fala isso do prazer em se fazer arte, sabe? De subir nos palcos, pegar estrada, conhecer públicos diferentes e muito retrato acho que é um retrato da das nossas vidas de artistas e é uma música dele que já ele já tinha gravado mas é um samba muito bom que fala de um de um cara que dá golpe em todo mundo que te chama pra cantar mas chama pra tocar e depois um paga sabe? E uma lembrança que a gente fez junto e nove que é a música que dá é. E essa parceria então foi dada através do momento que vocês começaram a compor juntos né? Isso. Na verdade a gente já se conhecia a gente já estava fazendo outros trabalhos juntos, aí quando a gente começou a fazer esse trabalho juntos é aí que ele me apresentou algumas canções dele aí eu falei ah então acho que que né? Dá pra dar uma liga ali

nela. Sim e aí a gente seguiu. No disco também tem uma canção do Pedro que chama O Embaixador, Embaixa Triz é uma canção do Pedro Luís com o Moisés Marques que foi daí que a gente começou esse contato né? Quando eu pedi pra gravar a canção tal e aí depois quando a gente fechou essa parceria de fazer o show da participação dele.

00:33:16

LOC. MIGUEL - Certo. Fer, antes da gente encerrar eu queria que você então falasse novamente as suas redes sociais, seus contatos, pra shows e workshops.

00:33:31

LOC.FERNANDA - Então vamos lá no meu Instagram, no link da bio você acessa lá tem um link lá que tem todas as informações. Então tem contato, tem meu tem telefone pra show também, o YouTube, o canal no YouTube, ah, não se esqueça de falar uma coisa muito importante, que a gente, né? Nesse nessa questão dos dez anos, a gente também lançou um documentário, que se chama o documentário, Flor de Café dez anos, o princípio da estrada conta um pouquinho da minha história que está disponível no meu canal do YouTube. Olha. Então acessando o meu Instagram que é Fer Marques MRX underline cantora. Só acessar o link que está na bio e que você já vai cair lá pra também todas as plataformas onde tão os disco, onde tá o disco, o canal do YouTube, contato pra show e também pode mandar no direct que a gente vai respondendo tudo.

00:34:27

LOC.MIGUEL - Bacana, é até interessante falar do seu documentário, né? Pro pessoal assistir, né?

00:34:34

LOC.FERNANDA - Então ele conta todas as histórias desses dez anos de carreira solo. Sim, né? Sim. A gente também faz uma pontuação ali, né? Da do que aconteceu antes pra que as pessoas entendam porque que chegou nos dez. Porque é muito engraçado eu sempre explico

essa coisa do.. Então ele conta todas as vinte e cinco, mas são vinte e cinco, mas são dez, então assim, é legal entender qual que do que que esses dez fazem dentro dos vinte e cinco. E tá disponível no YouTube, vale a pena assistir, ficou um trabalho muito bonito da Raiza Ferreira com participação também do Claudio Forateski, Alexandre Galante, a galera do audiovisual. Eles mandaram muito bem.

00:35:03

LOC.MIGUEL - Fer, você tem alguma consideração final?

00:35:09

LOC. FERNANDA - Eu acho que eu já nossa eu falo muito né? Que isso? Eu falo muito a hora que você vê já foi. Eu acho que eu falei tudo mas a consideração é que eu acho que que a gente tem que sempre pensar é que a arte salva sempre todos os dias, vamos manter a cultura e a educação, né? Sempre protegidas e movimento. Eu acho que é isso

00:35:46

LOC.MIGUEL - Perfeito. É isso o nosso episódio de Histórias e Cordas vai chegando ao fim. Eu agradeço demais a sua presença pra lá de especial, viu Fernanda? Muito obrigado. Eu que agradeço. Quero agradecer a todos os que estão nos ouvindo, pela Rádio Unaerp, pelo nosso podcast. Muito obrigado por sua atenção e não perca os próximos episódios que se vão que vão estar também no Spotify, enfim. Pra você acompanhar todas as nossas entrevistas feitas por lá. Até logo!

EPISÓDIO 6 – ENTREVISTA COM FERNANDA MARX

0:18:00

LOC.MIGUEL - Histórias e cordas. Olá, sou Miguel Mathias e nesse sexto episódio de Histórias e Cordas, eu recebo a dupla sertaneja que já lançou cinco discos e colecionam

participações em programas de TV como Raul Gil, Programa do Ratinho, Programa da Eliana, Sabadaço com Gilberto Barros entre tantos outros, eu tenho a honra de conversar com a dupla Os Meninos de Bonfim, formada por Luis Gustavo e Luis Augusto. Tudo bem com vocês?

00:00:34

LOC.LUIS GUSTAVO - Tudo bem Miguel? Obrigado pelo convite. Está participando aí do podcast.

00:00:46

LOC.LUISAUGUSTO - Miguel, um prazer tá aqui com você. Prazer é nosso.

00:00:55

LOC.MIGUEL - E pra gente começar essa conversa, eu queria que vocês nos dissessem como foi o primeiro contato de vocês com a música?

00:01:01

LOC.LUIS GUSTAVO - Olha, então a gente começou a cantar devido a Influência da família, né? Meus tios, meus avós, sempre tocaram e cantaram na fazenda, né? Fazia o baile de fazenda, tocava sanfona e aí meu pai também na época gravou um LP e tinha uma dupla sertaneja, gente cresceu ouvindo a música sertaneja, né? Já cresceu no meio da música, então já veio de família essa influência musical. E com qual idade vocês começaram a cantar, tocar? Aí a gente tinha uns cinco ou seis anos, né? A gente já começou assim a cantar, tocar, a gente ganhou um violãozinho de presente, né? Um violãozinho menor e aí a gente começou a tocar, cantar, querer aprender mais, né? É, foi com cinco, seis anos de idade a gente já começou pegar gosto já pra bem novo começando a andar na estrada aí.

00:01:46

LOC.MIGUEL - E como é começar assim tão jovens né? Já tocando, cantando, né? E participando de festivais, de TV.

00:02:01

LOC.LUIS GUSTAVO - Olha, pra gente foi bem natural assim, né? Quando a gente é pequeno, é claro que a gente sempre levou a música assim como um hobby, né? No início, né? A gente tinha o tempo pra poder brincar, pra poder fazer as coisas aí de criança. Mas o que a gente gostava mesmo era estar cantando, tocando aí, então foi bem tranquilo pra gente.

00:02:16

LOC.MIGUEL - Certo. E vocês tiveram, além do pai de vocês, vocês tiveram alguma outra influência, alguma dupla, ou algum cantor específico que vocês se espelharam?

00:02:33

LOC.LUIS GUSTAVO - Olha, a maior influência nossa é o nosso pai, né? Meu pai com que tinha dupla, né? Na época então a gente cresceu vendo o pai cantar, mas assim a gente ouve desde as músicas sertaneja raiz, né? Então, ouvindo a música sertaneja. Então, todos os artistas assim da música sertaneja e raiz não tem um específico assim que a gente segue, né? Mas a gente escuta todos os tipos assim, desde os antigos, né? Agora tem a da nova geração aí também que a gente escuta, mas no começo foi esses daí que a gente começou a ouvir.

00:03:17

LOC.MIGUEL - Então, eu queria falar a respeito do primeiro disco de vocês, né? Lançado em dois mil e sete, vocês tinham apenas sete anos, né?

00:03:17

LOC.MIGUEL- É isso, sete e oito anos de idade no primeiro CD e nesse primeiro disco foi lançado o primeiro sucesso de vocês né? Pir Pir Caipira, né? Isso. É a canção que gerou uma grande projeção na carreira da dupla, eu que vocês falassem a respeito desse momento.

00:03:33

LOC.LUIS GUSTAVO - Então, essa música foi uma música que a gente fez brincadeira que a gente fez na composição nossa mesmo e essa música deu bastante destaque aqui na região de Bonfim Paulista, Ribeirão Preto, né? O pessoal viu bastante assim, quando a gente era criança, que até hoje, até lá em Bonfim Paulista, o pessoal conhece a gente como os Pir Pirr, por causa da música que é o caipira, que foi a primeira música assim que que o pessoal ouviu bastante nossa, assim, lá na cidade. Então, ficou marcado

00:04:04

LOC.MIGUEL - Legal. E o segundo disco? Que vocês lançaram já no ano seguinte, dois mil e oito, com a música broto da raiz, né? Como o a grande música desse CD, né? E eu queria que vocês falassem a respeito também desse disco, como que foi o lançamento dessa música, do disco em si?

00:04:15

LOC.LUIS GUSTAVO - Então, essa música aí é uma música de composição nossa também, né? E tem esse disco tem algumas composições nossa e algumas composições de alguns amigos também, algumas regravações, né? Que a gente fez e essa música conta a história da família e conta a história da nossa família que é o bruto da raiz né? Conta na onde que que a gente começou a cantar como que a gente começou a cantar, da onde que vinha a nossa inspiração. Então é um pouco que conta da nossa história nessa música conta mesmo o início, né? Às vezes a inspiração, né? Que meu avô foi violeiro, meu pai é cantador, eu até que falo na música aí e é um pouco dessa história da música aí.

00:05:00

LOC.MIGUEL - O terceiro disco foi lançado em dois mil e dez, né? Dois anos depois e contou com a presença de Liu e Léu e do Caipira Barnabé. Como foi essa primeira experiência gravando com outros músicos, né? Do segmento.

00:05:19

LOC.LUIS GUSTAVO - Então, foi muito importante, né? Pra nossa carreira, né? A participação do Liu e Léu que era uma dupla que é uma dupla, né? Que a gente inspira muito, infelizmente elas tão mais entre a gente, mas a gente cresceu ouvindo, né? Ali o Ilhéus. Então foi um sonho pra gente poder gravar com eles, né? E o e o Barnabé foi um, é um grande amigo da gente aí que a gente. Tem uma até uma música que chama Zinho e Zão que eu acho que é que está nesse CD aí e é uma história assim uma sátira né? Que conta um pouquinho da história assim com bastante animação. O pessoal gostou bastante dessa música também. Inclusive é uma das músicas que tem mais acesso no YouTube e visualizações. A gente gravou um clipe na época e uma música tem mais de um milhão no YouTube. Essa música de vocês é a que mais tem a que a gente gravou junto com o Barnabé. Olha, é uma é uma das que mais tem, né? Visualizações lá no YouTube. Passando já de um milhão lá no YouTube

00:06:03

LOC.MIGUEL - Olha aí. E pra falar do quarto disco, né, que foi gravado em dois mil e treze, vocês contaram com participação de outros músicos também, né, como o Lourenço e Lourival, do Brasil, Mazinho Quevedo, Barnabé e também o pai de vocês, né? O Palaretti. E como que foi a sensação de gravar com esses grandes nomes e gravar com o próprio pai de vocês, né? Essa parceria familiar, né? Como que é essa experiência?

00:06:30

LOC.LUIS GUSTAVO - É o nosso pai né? Juntamente com a nossa mãe sempre acompanhou a nossa carreira né? E nosso pai como sempre cantou também no começo ajudou a gente a compor as músicas né? Então é uma honra pra gente né? Poder cantar ao lado do nosso pai né? E foi muito marcante foi muito bom pra gente e a participação de Lourenço e Lourival, né? Que é uns amigos aqui de Ribeirão Preto também, né? Os grandes ídolos da música aí também e foi muito legal também que a gente poder conhecer mais eles, né? Estar com eles aí nesse momento, gravamos um clipe também que é Menina da Aldeia tem bastante visualizações, o pessoal gosta muito, fala até hoje desse clipe aí e o Tinoco, né? O Tinoco da dupla, é o Tinoco do Brasil

também um grande inspiração aí pra muita gente e pra gente também, um Mazinho Quevedo também teve com a gente aí Essa gravação o Barnabé também e gravou mais uma música com a gente. Então teve muitas participações importantes aí que a gente ficou bastante marcado na nossa carreira esse quarto CD.

00:07:33

LOC.MIGUEL - E o quinto CD né? O último gravado Lá no ano de dois mil e dezesseis nele vocês cantam uma música chamada Sucupira, né? Outra música que também fez um grande sucesso que levou a o nome da dupla nas grandes paradas, do sertanejo em si. Queria que vocês falassem também a respeito desse disco, dessa música.

00:07:47

LOC.LUIS GUSTAVO - Então, essa música é uma música de composição dos nossos amigos lá do Paraná, que que enviou pra gente pra tá fazendo essa música e foi uma música que foi que é ainda bastante tocada ainda nessa região, né em outras regiões do Brasil teve uma extensão bem grande com essa música, o pessoal lembra muito dessa música e gosta muito, né? E assiste ainda o clipe dessa música e mesmo que foi lançado lá em dois mil e dezesseis, os shows que a gente faz aí, o pessoal pede essa música. Então, é uma música muito importante pra gente e ficou marcado também na carreira nossa aí. Eu queria saber de vocês, a gente tá num mundo que o sertanejo universitário tá vem muito forte, né? Nas primeiras colocações, das paradas e vocês ainda continuam com a raiz, com raízes no sertanejo de raiz, né?

00:08:48

LOC.MIGUEL - Como que é ainda, mesmo com essa onda do sertanejo universitário, como é se manter com essa raiz aí daquele sertanejo mesmo, caipira, né? Do interior paulista.

00:09:05

LOC.LUIS GUSTAVO - Então, a gente a música raiz está no sangue né? Da gente né? Como a gente cresceu na fazenda, cresceu meio assim rural, então a música raiz tá no sangue nunca vai deixar de existir, né? Então a gente leva a música, a música raiz a gente leva em todos os

nossos shows eh faz parte assim uma parte do show é de música raiz e a outra a gente toca algumas músicas universitárias, inclusive uma música nossa nova que é a menina da cidade grande, que a gente vai tá lançando aí, que é uma música, assim, ela é um pouco de universitário com raiz, é uma mistura que a gente fez. Mas eu acho que a música raiz nunca vai acabar, né? Sempre vai ter música raiz, mesmo com universitário que tá dominando, né? E isso é bom, que que a música sertaneja universitária também dominando as paradas aí do Brasil, mas a raiz também todo mundo que conhece a música sertaneja universitária tenho certeza que conhece também. A música raiz, todo mundo conhece alguma música raíz que é a origem do universitário.

00:09:49 LOC.MIGUEL - Eu queria aproveitar então já que você mencionou a música Menina da Cidade Grande, vamos ver um trechinho dela? Solta o som

00:10:33

LOC.MIGUEL - Vamos falar então a respeito dessa música qual é a mensagem que ela passa, né? Como que foi a inspiração pra composição dessa música?

00:10:48

LOC.LUIS GUSTAVO - Olha essa música que é uma composição nossa, né? E a gente compôs essa música aí falando um pouco do universo rural e um pouco do universo da cidade, né? Que conta a história duma menina que veio pra roça, né? Veio pra fazenda

e acabou se apaixonando pelo cara que tava lá, o fazendeiro aí o cara que tá fazendo aí acabou ficando na fazenda, né? Então até fala que fala que tá do lado dele hoje, tá tocando gado, pum paí, toma pinga com limão.

00:11:15

LOC.LUIS AUGUSTO - Então essa é a história da menina da cidade grande que veio da cidade e acabou ficando na fazenda junto com o estilo agro moderno, né? Que vai surgindo aí hoje em dia. Esse contraste mesmo da daquela vida da cidade e pra vida do campo, né?

00:11:33

LOC.MIGUEL - Queria também falar de outra música, né? Que leva o nome da dupla, Os Meninos de Bonfim, vão ouvir um trechinho dela...

00:12:17

LOC.MIGUEL - Como vocês compuseram essa música, pra apresentar mesmo o nome da dupla? Enfim, conta pra gente.

00:12:33

LOC.LUIS GUSTAVO - Então, os meninos de Bonfim é uma música também, de composição nossa, né? Que conta que leva o nome de Bonfim Paulista, né? A gente cidade onde a gente veio e conta as coisas da cidade, como que era o nome da antiga cidade, os lugares da cidade lá, praça. Então, é uma música que leva um pouco da cidade, leva um pouquinho também da gente pro mundo. E os meninos de Bonfim é porque a gente o nome da dupla Luiz Gustavo e Luiz Augusto, os meninos de Bonfim, que o pessoal já leva esse nome aqui, como é de Bonfim Paulista, né? Então o pessoal fala, ah os Meninos de Bonfim acabou ficando na dupla então a gente leva esse nome junto também é carrega Bonfim Paulista todo lado aí.

00:13:19

LOC.MIGUEL - Em dois mil e nove vocês disputaram e venceram o prêmio Viola de Todos os Cantos da EPTV. Eu queria que vocês falassem a respeito dessa conquista, né? De participar desse prêmio, enfim.

00:13:33

LOC.LUIS GUSTAVO - Esse festival aí foi muito bom pra gente, né? Na época era um festival bastante grande, né? E ficou marcado assim na nossa carreira, né? Quando a gente foi, ganhou esse, esse festival, né? Abriu muitas portas pra gente aparecer, né? É um festival que tinha, composições de músicos do Brasil inteiro que vinha pra pra participar desse festival. E a gente ganhou com a melhor música do festival que foi uma música de composição nossa também. Olha. Então foi muito importante mesmo pra gente aí na nossa carreira né? Um prêmio bem

00:14:03

LOC.LUIS AUGUSTO - Um prêmio bem legal pra gente aqui ficar marcado. Vocês tinham quantos anos nessa época? Ah a gente tinha mais ou menos um pouquinho mais, né? Tinha uns quinze anos por aí. Quinze anos. Por aí. Quinze, quatorze anos

00:14:17

LOC.MIGUEL - Bacana! E no ano seguinte em dois mil e dez vocês receberam o prêmio Rozine, né? Dupla revelação do Brasil pela revista Viola Caipira da cidade de Belo Horizonte, explica pra gente a importância de receber esse prêmio, de desse reconhecimento que vocês tiveram, né?

00:14:46

LOC.LUIS GUSTAVO - Muito legal na época eles buscavam quem estava se destacando mais na música sertaneja, né? E nesse ano aí a gente teve muitas participações em programas e então acabamos ganhando esse prêmio aí de dupla revelação de dois mil e dez aí do prêmio Rozine lá em Belo Horizonte, foi uma premiação muito bacana também e a gente ficou feliz, né? Poder ter ganhado esse prêmio também. Levar um nome da nossa região, né? É isso aí. O Brasil inteiro e lá.

00:15:18

LOC.MIGUEL - Em dois mil e dezessete vocês receberam uma homenagem lá na Câmara Municipal de São Paulo no dia da música de raiz representando a música sertaneja. Eu queria

saber qual é a importância de receber e representar a música que vocês cantam né? Sendo homenageados dentro da câmara, né?

00:15:32

LOC.LUIS GUSTAVO - Municipal a gente fica assim muito feliz, né? Em saber que a gente aqui em Ribeirão Preto, Bonfim Paulista e o pessoal vendo o nosso trabalho, crescendo aí indo pra fora até lá na grande São Paulo. O pessoal viu, reconheceu o trabalho aí e entrou em contato com a gente e na hora a gente ficou muito feliz de poder ir lá receber esse prêmio aí no dia da música raiz, né? É, são as coisas que vão ficando marcadas história da dupla e com certeza são as passagem muito importante que a gente guarda assim com muito carinho. E eu queria saber de vocês como é trabalhar em dupla né? Você sendo irmãos enfim como que é a sensação de

00:16:19

LOC.MIGUEL - E eu queria saber de vocês como é trabalhar em dupla né? Você sendo irmãos enfim como que é a sensação de trabalhar com essa parceria?

00:16:31

LOC.LUIS GUSTAVO - Fala aí sempre bom, né? Poder trabalhar com o irmão, né? A gente tá sempre junto, a gente mora junto, né? Sempre acompanhado com a família também, meu pai, minha mãe, sempre que der, eles tão junto com a gente e acaba se tornando uma parceria ainda maior, né, por ser irmão. Então, por tá sempre vinte e quatro horas. Tá quase vinte e quatro horas

00:16:48

LOC.MIGUEL - Isso influencia essa, vocês têm uma afinidade, né, por ser irmãos, influencia na hora de compor, você já conhece ou assim, na hora de compor uma música, você já sabe o raciocínio do outro? Como é isso?

00:17:01

LOC.LUIS AGUSTO - Ah sim, né? Isso aí influencia bastante, né? Porque um conhece assim que o outro pode fazer na música, dá uma ideia, o outro já vem com a com a melodia da música assim, às vezes você tem uma ideia duma letra, aí você fala pro irmão, ó, dá uma ideia nessa letra aqui, que pode fazer? Já pega o violão e ele já sai tocando violão pra ver que que encaixa na música. Então eu acho que isso dá, fica, fica muito bom assim tanto perto assim vinte e quatro horas assim, conhecimento vai evoluindo sempre junto, né?

00:17:45

LOC.MIGUEL - E Bonfim Paulista, Ribeirão Preto fazem parte de uma região conhecida pela popularidade da música sertaneja. Como é fazer música aqui em Ribeirão Preto, enfim, eu queria que você ouvisse aqui no nosso programa a gente já trouxe músicos de diversos segmentos, né? E vocês são a primeira dupla sertaneja, eu queria ouvir de vocês como que é fazer música aqui em Ribeirão Preto sendo músicos sertanejos.

00:18:02

LUIS GUSTAVO - Ah Ribeirão Preto é uma cidade assim sertaneja, né? Então eu acho que o pessoal aqui gosta bastante de sertanejo, né? Todos os lugares assim, eu acho que o sertanejo vai dominando, mas Ribeirão é uma cidade sertaneja, então eu acho que acaba ficando assim mais fácil, né? Você fazer a música por aqui mas é uma cidade importante pra gente também, né? E a gente levando o nome de Bonfim Paulista também, o nosso distrito lá, mas a gente anda por todo lado, a gente não fica só aqui em Ribeirão Preto, né? A gente faz shows aí por toda região aqui de Ribeirão, inclusive até fora aqui do estado, em Minas Gerais, Paraná, Goiás. Então, vamos andando o trecho aí do Brasilzão aí. Legal.

00:18:48

LOC.MIGUEL - E quais são as maiores dificuldades vocês encontram ou já encontraram até aqui?

00:19:01

LOC.LUIS AUGUSTO - As dificuldades eu acho que as dificuldade que todos os artistas tem né assim de que a maioria encontra aí em todo lado que seria a maior a maior dificuldade sei lá eu acho que é divulgação assim conseguir divulgar depois você até você fazer a música eu acho que é parte da gente, né? Agora faz a divulgação a gente vai dependendo de outras pessoas, outras canções também divulgar o seu trabalho né? É, acho que seria a maior dificuldade. Hoje ainda eu acho um pouco mais fácil com a internet, né? Uma divulgação boa, né? Mas eu acho que essa é a parte mais difícil, eu acho da dupla.

00:19:33

LOC.MIGUEL - E atualmente vocês se apresentem em quais locais, vocês têm algum local fixo, em que eventos vocês se apresentam, né?

00:19:48

LOC.LUIS GUSTAVO - Assim, nós não temos um local fixo assim que a gente se apresenta direto, né? Então a gente faz show na região aqui de Ribeirão Preto até em Ribeirão Preto, mais o sul de Minas Gerais, tendeu? A gente vai aonde chama nós pra fazer show a gente vai não tem uma não. E qualquer tipo de evento assim, é festival, show vocês estão indo, né? Shows, é eventos corporativos, né? Então a gente faz aniversário de cidade, né? Então toda esses rodeios também. Então pô essas eventos aí.

00:20:34

LOC.MIGUEL - E eu queria já aproveitar a oportunidade e pedir pra vocês é passar o contato de vocês, pros nossos ouvintes estarem entrando em contato.

00:20:49

LOC.LUIS GUSTAVO - Vai ter o contato via telefone, né? Que é dezesseis nove um sete nove três um e tenha o nosso Instagram que o pessoal pode seguir a gente lá, arroba Luis Gustavo e

Luis Augusto, lembrando que Luis é com S viu gente? Luis Gustavo arroba Luis Gustavo Luis Augusto vai encontrar a gente no Instagram e em todas as plataformas digitais também, no Spotify, na Deezer, no YouTube, YouTube Music, cê pode procurar lá, Luis Gustavo, Luis Augusto, meninos de Bonfim, vai poder assistir nossos clipes aí, as nossas músicas, tá tudo disponível aí pra galera curtir.

00:21:16

LOC.MIGUEL - Bom, o sexto episódio de histórias e cordas vai ficando por aqui. Eu agradeço Luis Gustavo e Luis Augusto, a dupla Os Meninos de Bonfim por compartilhar com a gente esses momentos marcantes. Enfim, sucesso pra vocês!

00:21:33

LOC.LUIS GUSTAVO - Obrigado Miguel, obrigado pela entrevista. A gente agradece aí o carinho. Um abraço a todos os ouvintes.

00:21:43

LOC.LUIS AUGUSTO - Obrigado Miguel. Obrigado pelo convite aí. Abraço todos os ouvintes e até uma próxima aí, né? Abraço todos os ouvintes e até uma próxima aí!

00:21:46

LOC.MIGUEL – Não percam os próximos episódios e até logo!

ANEXOS

UNAERP

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Reginaldo Martin Vieira, nacionalidade BRASILEIRO, estado civil CASADO, portador da Cédula de identidade RG nº. 17.967.464-8 inscrito no CPF/MF sob nº 195.043.433-53, residente à Av./Rua Antonio dos Santos Martins, nº. 175, município de Ribeirão Preto/SP. AUTORIZO o uso de minha imagem e som em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizado no **Facebook, Instagram e Site** de jornalismo da UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto e do Podcast Histórias e Cordas, veiculado na plataforma **Spotify, Instagram e Youtube**, para fins acadêmicos do estudante Miguel Mathias dos Reis.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e som acima mencionados em todo território nacional.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e som na Rádio Unaerp e no Podcast Histórias e Cordas, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Rib. Preto, dia 23 de janeiro de 2023

(Assinatura)

Nome:
Telefone p/ contato:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu , Ana Beatriz Mestriner Abrahão, nacionalidade brasileira, estado civil ,viúva_, portadora da Cédula de identidade RG nº 8.454.576-8, inscrito no CPF/MF sob nº 748293008-68_, residente à Rua Campos Sales nº. 1145, município de Ribeirão Preto/SP, AUTORIZO o uso de minha imagem e som em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizado no **Facebook, Instagram e Site** de jornalismo da UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto e do Podcast Histórias e Cordas, veiculado na plataforma **Spotify, Instagram e Youtube**, para fins acadêmicos do estudante Miguel Mathias dos Reis.
A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e som acima mencionados em todo território nacional.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e som na Rádio Unaerp e no Podcast Histórias e Cordas, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Ribeirão Preto, dia 23 de janeiro de 2023.

(Assinatura)

Nome: Bia Mestriner
Telefone p/ contato: 16-991038882

UNAERP

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, RAFAEL GOMES DE OLIVEIRA PACHECO, nacionalidade BRASILEIRO, estado civil SOLTEIRO, portador da Cédula de identidade RG nº. 131080277, inscrito no CPF/MF sob nº 111.777.677-83, residente à Av./Rua MONSENHOR JOÃO LAUREANO, nº. 234, município de Ribeirão Preto/SP. AUTORIZO o uso de minha imagem e som em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizado no **Facebook, Instagram e Site** de jornalismo da UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto e do Podcast Histórias e Cordas, veiculado na plataforma **Spotify, Instagram e Youtube**, para fins acadêmicos do estudante Miguel Mathias dos Reis.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e som acima mencionados em todo território nacional.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e som na Rádio Unaerp e no Podcast Histórias e Cordas, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

RIBEIRÃO, dia 22 de JANEIRO de 2023.

(Assinatura)

Nome:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Marcel Rivoiro, nacionalidade Brasileiro, estado civil Solteiro, portador da Cédula de identidade RG nº. 24172565-3, inscrito no CPF/MF sob nº 196459628-97, residente à Av./Rua Abraao Caixe, nº. 1120 apto 13, município de Ribeirão Preto/SP. AUTORIZO o uso de minha imagem e som em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizado no **Facebook, Instagram e Site** de jornalismo da UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto e do Podcast Histórias e Cordas, veiculado na plataforma **Spotify, Instagram e Youtube**, para fins acadêmicos do estudante Miguel Mathias dos Reis.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e som acima mencionados em todo território nacional.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e som na Rádio Unaerp e no Podcast Histórias e Cordas, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Ribeirao Preto, dia 25 de Janeiro de 2023.

(Assinatura)

Nome: Marcel Rivoiro

UNAERP

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Fernanda Silva Marques, nacionalidade Brasileira, estado civil Solteira, portador da Cédula de identidade RG nº. 30365654-2, inscrito no CPF/MF sob nº 342.643.218-83, residente à Av./Rua R. Moyses Antonio Mellin, nº. 42, município de Ribeirão Preto/SP. AUTORIZO o uso de minha imagem e som em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizado no **Facebook, Instagram e Site** de jornalismo da UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto e do Podcast Histórias e Cordas, veiculado na plataforma **Spotify, Instagram e Youtube**, para fins acadêmicos do estudante Miguel Mathias dos Reis.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e som acima mencionados em todo território nacional.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e som na Rádio Unaerp e no Podcast Histórias e Cordas, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Rib. Preto, dia 25 de Janeiro de 2023.

(Assinatura)

Nome:
Telefone p/ contato:

Digitalizado com CamScanner

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Luis Gustavo Tasso Pallaretti, nacionalidade: brasileiro, estado civil: solteiro, portador da Cédula de identidade RG nº 49.978.984-2, inscrito no CPF/MF sob nº 423931138/19, residente à Rua João da Fonseca Nogueira, nº 95, município de Ribeirão Preto/SP. AUTORIZO o uso de minha imagem e som em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizado no **Facebook, Instagram e Site** de jornalismo da UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto e do Podcast Histórias e Cordas, veiculado na plataforma **Spotify, Instagram e Youtube**, para fins acadêmicos do estudante Miguel Mathias dos Reis.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e som acima mencionados em todo território nacional.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e som na Rádio Unaerp e no Podcast Histórias e Cordas, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Ribeirão Preto/SP, dia 25 de Janeiro de 2023.

(Assinatura)

Nome: Luis Gustavo T. Pallaretti
Telefone p/ contato: (16) 9 9991-7931

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Luis Augusto Tasso Pallaretti, nacionalidade: brasileiro, estado civil: solteiro, portador da Cédula de identidade RG nº 53.394.498-3, inscrito no CPF/MF sob nº 423931148/90, residente à Rua João da Fonseca Nogueira, nº 95, município de Ribeirão Preto/SP. AUTORIZO o uso de minha imagem e som em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizado no **Facebook, Instagram e Site** de jornalismo da UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto e do Podcast Histórias e Cordas, veiculado na plataforma **Spotify, Instagram e Youtube**, para fins acadêmicos do estudante Miguel Mathias dos Reis.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e som acima mencionados em todo território nacional.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e som na Rádio Unaerp e no Podcast Histórias e Cordas, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Ribeirão Preto/SP, dia 25 de Janeiro de 2023.

(Assinatura)

Nome: Luis Augusto T. Pallaretti
Telefone p/ contato: (16) 9 9991-7931